

I ENCONTRO DE MUSEUS DO VINHO E DA VINHA

Ideias para um Núcleo Museológico do Vinho em S. João da Pesqueira
Salão Nobre da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira
24 de Outubro de 2008

Mesa Redonda 1:

Faixa 1 António Lima Costa (Presidente da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira e moderador da mesa)

Bom dia! Senhor Arquitecto Maia Pinto, director do Museu do Douro; senhor Dr. Agostinho Ribeiro, membro do Conselho de Administração da Fundação Museu do Douro; Eng.º Eduardo Frederico, membro da Assembleia Municipal; Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Professor Gonçalves Guimarães; Eng.º Cristiano Van Zeller.

Minhas senhoras e meus senhores, apresento os meus melhores cumprimentos em nome da Câmara Municipal e agradeço muito a vossa presença. Sejam bem-vindos ao município de S. João da Pesqueira.

É um lugar-comum dizer-se que o Douro é uma região com enorme potencial, a vários níveis, e simultaneamente uma região com graves problemas estruturais, dos quais, na base estará aquela dificuldade endémica, em trabalharmos em rede e de forma integrada. O projecto do Museu do Douro é por ventura, uma das excepções à regra. Tem mobilizado a região, tem tocado as populações e tem ajudado na mudança de mentalidades, tão necessária ao desenvolvimento desta mágica região.

A adesão a este simples evento é bem reveladora dessa característica do projecto do Museu do Douro. Quero por isso aproveitar esta ocasião para felicitar os responsáveis do Museu do Douro, a administração da Fundação do Museu, a direcção do Museu, todos os seus colaboradores, pelo excelente trabalho que têm vindo a realizar.

O Museu do Douro é como se sabe um museu de território e polinuclear. E se o edifício sede do Museu, na Régua, constituirá o grande chapéu deste museu de território e será o ponto de partida para a descoberta da região, os núcleos temáticos, por sua vez, deverão ser complementares daquele, sendo que os seus temas têm de ir ao encontro dos elementos que mais se destacam nas respectivas parcelas do território em que se instalam.

Foi assim, com óbvia naturalidade, que nasceu a intenção, desde logo aceite pelos responsáveis do Museu do Douro, de aqui, em S. João da Pesqueira, instalarmos o núcleo museológico do vinho. Cabe-nos a nós, autarquia e Museu do Douro, a alta responsabilidade de colocar esta ideia no terreno. E é para darmos um passo nesse sentido que aqui estamos hoje. Esta sessão de trabalho, e eu repito sessão de trabalho, acontece na sequência da nossa decisão de levarmos a cabo, um alargado processo de audição de sugestões e de reflexão sobre ideias para este núcleo do vinho. Ouvir produtores de vinho, especialistas em museologia, os partidos políticos com representação na Assembleia, enfim, a chamada sociedade civil, também, é para nós um dever que cumprimos com gosto. E a vossa participação activa é, para nós, um grande favor que nos fazem.

O nosso objectivo é muito simples. Gostaríamos que hoje se fizesse alguma luz sobre os termos de referência, que servirão de balizas para a elaboração do programa museológico do futuro núcleo do vinho em S. João da Pesqueira. As questões são muitas, naturalmente. Por exemplo, como deve este núcleo dar um enfoque maior à componente cultural e pedagógica ou à

componente comercial e de promoção e divulgação dos produtores de vinho? Fará sentido enveredar nesse espaço por uma lógica de oferta de serviços em torno do vinho, provas de degustações, suas ligações com a gastronomia, cursos de vinhos etc.? Qual o peso da componente etnográfica de mostra dos usos e costumes ligados à cultura da vinha e à produção de vinho? E as novas tecnologias de informação e comunicação, em que medida se devem explorar neste projecto? Em que moldes pode este núcleo contribuir para a requalificação e revitalização do centro histórico da vila, que se pretende venha a constituir-se ela própria como um pólo autónomo de atracção turística. O que pode este núcleo oferecer aos produtores de vinho da região, e não apenas do concelho, da região, para que os sintam, a ele núcleo, como um instrumento útil na promoção dos seus vinhos. Como envolver e trazer ao projecto a comunidade local, em especial os fazedores da paisagem vinhateira e os produtores de vinho. E qual a (melhor) estratégia, qual a estratégia a seguir na programação de actividades a realizar ao longo do ano.

Enfim, algumas das imensas questões, das muitas questões, que nos colocamos já a nós próprios e que estou certo, aqui serão abordadas. Da nossa parte, ouviremos atentamente tudo o que aqui for dito.

E sem mais delongas, para iniciarmos os nossos trabalhos, vou pedir a cada um dos meus colegas de mesa, que em 10, 15 minutos, nos dê a sua perspectiva sobre esta temática. Antes disso, quero naturalmente agradecer-lhes muito a sua pronta disponibilidade para colaborarem connosco. E apresento-os sucintamente:

O Dr. Gonçalves Guimarães foi responsável pelos programas museológicos do museu de sítio da Quinta da Ervamoira e do núcleo museológico da casa Ramos Pinto; dirige a área museológica do Solar Condes de Resende, foi professor na licenciatura de Gestão de Património, da Universidade Portucalense e é um profundo conhecedor e estudioso do Douro.

O Dr. Agostinho Ribeiro tem uma grande experiência nessas matérias, é membro do conselho de administração da Fundação do Museu do Douro e é o director do Museu de Lamego e ainda o director do Museu Grão Vasco, de Viseu.

O Dr. Jorge Veiga é o presidente da Assembleia Municipal de S. João da Pesqueira e professor de História na escola secundária da Régua.

O Eng.º Eduardo Frederico é membro da Assembleia Municipal e é um ilustre pesqueirense, que desempenha funções de grande responsabilidade na REFER.

O Sr. Padre Amadeu da Costa e Castro [que acaba de chegar, que nos fez atrasar um pouco o início desta sessão], além de pároco no concelho é membro do conselho de administração da Fundação do Museu do Douro e criou, na aldeia vinhateira de Trevões, uma exposição etnográfica permanente sobre os usos e costumes locais e trabalha arduamente, sei disso, na criação de um outro espaço museológico ainda em Trevões, dedicado à arte sacra.

Por último, o Eng.º Cristiano Van Zeller é um conhecido produtor de vinhos muito conceituados e inquestionavelmente um dos principais responsáveis pela projecção internacional dos vinhos DOC Douro. É membro dos famosos Douro Boys e é o proprietário da Quinta do Vale de D. Maria em Everdosa do Douro.

Se concordassem começávamos então, precisamente pelo Eng.º Cristiano Van Zeller, a quem passava desde já a palavra. Muito obrigado.

Cristiano Van Zeller (Quinta do Vale D. Maria / Douro Boys)

Minhas senhoras e meus senhores, isto é uma partida começar por mim, não é?! Normalmente eu devia ficar para o fim, que assim aproveitava o que os outros diziam e era mais fácil.

A minha experiência museológica, como devem compreender é nula, a não ser como visitante e como apreciador e como grande fã de tudo o que é arte e de tudo o que é arte viva, sobretudo. Aquilo que é possível fazer ou eu dizer, sobre o que é que pode ser o núcleo museológico do Museu do Douro, refere-se, eu vou-me cingir àquilo que pertence à minha área das quintas do Douro. Nós não podemos esquecer que o Douro vive das suas quintas, do seu património. E esse património está inevitavelmente ligado ao vinho. Nesse sentido, acho que o museu e o núcleo museológico podia adaptar a sua estrutura, à história das próprias quintas. Seria muito interessante criar uma secção, e aqui, em S. João da Pesqueira, pode ser esse centro para contar a história das quintas. Há muitas quintas históricas no Douro que contam a história do próprio Douro. Algumas quintas, aqui mesmo no concelho, da minha família contam a história do próprio Douro e essa história não pode ser contada de uma forma abstracta. Eu acho que devia ser contada de forma concreta, de uma forma visível e de uma forma bastante expressiva através de fotografias, através de textos, através de filmes, inclusivamente que possam existir. Seria muito importante contar o que é a história das quintas que são a história do próprio Douro.

Depois, essa história e essa forma de apresentação pode ter imensas vantagens para a transmissão da imagem daquilo que são as quintas e os nossos próprios produtos. Nós não podemos esquecer que o museu não é um depósito de velharias e que o museu não é um depósito do passado. A existência do museu é memória do passado, os museus são memória do passado mas virados para o futuro, para o presente e para o futuro. Nós não conseguimos perceber o presente nem conseguimos perceber ou antever o futuro se não entendermos o passado. E portanto, os museus podem ser encarados, eu encaro os museus, como uma rampa de lançamento daquilo que nós somos e daquilo que nós pretendemos ser. E aqui nesse aspecto, não podemos esquecer a componente comercial que pode ser adaptada à existência de um núcleo deste tipo, em que todos os museus têm lojas onde apresentam produtos, cópias das suas colecções, etc. O museu não me repugna, nem antes pelo contrário, que o museu tenha lojas ou faça a apresentação dos produtos que são a consequência viva daquilo que é a história da região e que o museu retrata ou pretende projectar. Isso centrado nas quintas e sobretudo centrado nas pessoas. Os museus não são depósitos de pedras ou depósitos de material. As pedras e a materialidade existe porque existiram pessoas que as criaram. E portanto é muito importante a história das pessoas e a história das pessoas que construíram essas quintas. Isso pode potenciar a imagem daquilo que nós fazemos e que nós produzimos e pretendemos que essa imagem não seja uma imagem virada para o interior, para nós próprios, mas uma imagem virada para o exterior. Tem que ser, julgo eu, que um núcleo bastante dinâmico mas não um núcleo fechado em si próprio e que tem que ser extremamente abrangente. Não é um núcleo concelhio. Eu entendo que o Museu do Douro e aquilo que está na sua génese é o museu do território. Portanto, aqui não há o concelho de A, de B, de C ou de D. Não há a quinta A que só pertence ao concelho, a quinta B. Nós somos um território, somos região do Douro e temos que ser transmitidos para o exterior como um todo. E temos que

funcionar em rede. Aquilo que o senhor presidente referiu, a rede é extremamente importante. Lá em baixo quando entramos víamos na parede uma série de fotografias de núcleos museológicos ou de pequenos núcleos que apresentam a história de quintas ou história inclusivamente da região mas numa forma mais sucinta. E todos estes núcleos fazem parte de um todo e têm que ser desenvolvidos como um todo, não se compreende que cada núcleo exista por si. Eles não existem por si. Existem porque existe o todo. E portanto é muito importante esse trabalho de rede e que funcione, o conseguir espalhar as pessoas, o conseguir que as pessoas visitem as quintas, as próprias quintas podem fazer parte dessa rede e desses núcleos museológicos, serem visitáveis. Haver, o que eu estava há bocado o que eu estava a dizer em conversa, que se perdeu muito a tradição, que é um exemplo perfeitamente simples, mas perdeu-se a tradição, naturalmente, da festa das vindimas em cada quinta. Cada quinta quando eu era miúdo, miúdo e graúdo, a festa das vindimas, o fim da vindima, o fim da roga, o despedir da roga era um acto extremamente importante na vida de cada quinta. Ainda existe, julgo que existe ainda um vídeo promocional do Instituto do Vinho do Porto, onde eu ainda apareço um bocadinho mais gordo, que eu agora emagreci, foi bom. Mas eu ainda apareço nesse filme, em 1991 ou 92, em que se fazia a festa das vindimas na Quinta do Noval. Esse desaparecimento, dessas festas, tem sido paulatino ao longo do tempo mas pode fazer parte do núcleo museológico, o retomar de uma tradição. Mas, essa tradição tem que ser centralizada, não se pode espalhar por todas as quintas porque isso torna inviável o funcionamento, mas ser um centro irradiante. Cada centro, como aquele que eu entendo que pode ser o centro do núcleo de S. João da Pesqueira, é um centro irradiante, não são centros absorventes. São centros irradiantes de pessoas, centros irradiantes de ideias.

Basicamente é isto que eu tenho para dizer. Espero que não tenham passado mais de 10 minutos mas depois podemos desenvolver ideias, mais concretamente, a seguir. Muito obrigado.

Amadeu Castro (Fundação Museu do Douro / Director do Museu de Trevões)

Eu começo por pedir desculpa pelo atraso mas também ao mesmo tempo é uma maneira de nos sentirmos importantes porque de certeza que me levou a tirar da cartola grandes ideias. Estava a ouvir o Eng.º e eu disse: *“Será que ele copiou por mim o discurso?”* ou foi à internet buscar as minhas palavras, no seguimento do que ele acaba de dizer é, também, o que vou expor.

Eu começava por palavras bíblicas, como sou padre, não sei se sabem, o menino Jesus foi apresentado no templo e a uma certa altura ele foi também ao templo falar com os doutores da lei, Ele não foi apresentar soluções nenhuma, foi apenas levar a que aqueles doutores comessem a pensar, sem brilhantismos, eu hoje acho que venho aqui, em primeiro lugar pôr os grandes doutores pensantes aí a matutar sobre este núcleo museológico.

Para não perder, eu vou expor umas palavritas que tive a organizar de manhã, não tive tempo ontem para pensar nisto, e vou expor e depois, como dizia também o Eng.º, a seguir, vamos debater ideias, que acho que é a razão principal de estarmos aqui.

Como sabemos o vinho ocupa nas necessidades do Homem um lugar de destaque, por ser a única vida que na civilização grego-latina de transporta em si um ar cultural e um valor de património inquestionável. Mesmo antes do cristianismo, ele apresentava mais do que um símbolo. Os escritores, os poetas cantaram o vinho não só como fonte de satisfação material mas também como meio de excitar o espírito, desenvolver o pensamento e até favorecer a criação de

sentimentos estéticos e morais. O vinho foi sempre considerado como sendo a mais nobre vida, a primeira que se oferece a um convidado, a um amigo e a que melhor permite apreciar o talento do produtor. Não é de estranhar, portanto, que toda a vida rural tenha sido tão fortemente marcada por ele. Não só as ferramentas e o material necessário para a viticultura são de uma riqueza extraordinária como também as aldeias, as casas e até a própria paisagem são moldadas pelo cultivo de vinha. A maneira de viver, os costumes, as mentalidades, são particularmente marcadas pelo que é possível dizer-se que, existe uma cultura ligada ao vinho.

Ao longo da história muitos artistas colocaram o seu talento, a sua arte, tanto na pintura como na escultura, gravura, tapeçaria, miniaturas, ourivesaria, vitrais, vidraria, cerâmica, etc. Colocaram a sua arte à sabedoria e ao serviço desta cultura, desta realidade, deste património. Temos uma herança muito rica, uma herança profunda ligada à vinha e ao vinho que é necessário preservar, que é necessário conservar, que é necessário perpetuar ao longo dos tempos da história. Sem dúvida que este é o papel de muitos museus do vinho que existem em Portugal e no mundo. Sem dúvida queridos amigos que este tem de ser o primeiro objectivo deste núcleo museológico do vinho, que todos nós hoje sonhamos e idealizamos e, é o motivo pelo qual nos encontramos neste debate, nesta relação de ideias.

Este núcleo museológico para S. João da Pesqueira, para a região, sem dúvida, é uma questão peculiar que nos leva a muitos sonhos e a muitas esperanças. Queremos e desejamos que seja um museu especial, um museu particular, um museu catita, criativo, moderno, marcante para a história, para o tempo. O museu do vinho tem que ser atractivo, um centro festivo, um hino, uma graça ao vinho e à vinha, onde a multimédia, a tecnologia e todas as técnicas modernas de museologia estejam patentes e visíveis. Para além do espólio permanente, e assim o desejo, este museu deve existir como uma visita guiada a toda esta realidade que é a história do vinho; deve conter visitas e exposições temáticas e conferências alusivas ao tema. No local, no edifício, desejava que fosse uma arquitectura moderna mas isto não compete a mim desenhar nem sonhar, temos homens capazes que nos levam a essa realidade. Mas neste local todo o espaço deve ser um espaço simpático, atractivo, no qual todo aquele que visitar possa consultar e obter, através de multimédia informações acerca do museu, das adegas, dos produtores da região e de várias actividades relacionadas com a viticultura, das tradições, das cantigas, das músicas, de toda esta cultura que é uma riqueza para a região. Este espaço deve funcionar em simultâneo como um posto de turismo da região e ainda como uma loja onde podem ser adquirir uma selecção dos melhores vinhos da região. Sem dúvida, que este museu tem servir em primeiro lugar a comunidade, a população e os seus próprios viticultores, ser também, e se calhar vou utilizar uma expressão forte, ser o museu do território. Nós sabemos que o Museu do Douro é um museu de território e no seguimento do que acabava de dizer o Eng.º, ser um museu de território à semelhança do Museu do Douro, isto é, concentrar tudo aqui na Pesqueira, todo o espólio, tradição ligada ao vinho. Não podemos ter, desculpem a expressão, tascas, “museusinhos”, onde anda por aí tudo espalhado, não pode ser um museu isolado, tem que estar aberto a todos os outros museus mas lutar por aqui, na Pesqueira, ser um verdadeiro hino ao vinho, à história e ao património desta cultura. Mas gostava, e esta é a minha esperança, que fosse em primeiro lugar, um espaço onde pudéssemos fixar a memória do vinho e dignificar também a memória milenar de todos os homens e mulheres que até hoje ajudaram a construir e enobrecer este património que é o vinho. Não pode ser um museu só para recordar o passado e história edificada e construída até ao presente, este museu tem de ter como

finalidade e objectivo principal trazer o passado até nós e colocá-lo a funcionar para o futuro, não basta lembrar o passado, é muito importante perspectivar o futuro, que este meu desejo seja uma referência, uma marca inegável no que diz respeito à história, à cultura e tradição do património de vinho na região, no país e no mundo. Mas que seja também o projecto que contribua para o desenvolvimento da região, que seja o agente impulsionador e dinamizador nos vários eixos de desenvolvimento da região: turismo, gastronomia, património, etc. Queremos que este núcleo venha a contribuir para a promoção e a divulgação da marca Douro e tudo o que está relacionado com ela. Não pode ser um museu isolado e lançado, desde já, o desafio para se estabelecerem parcerias com outras actividades locais e da região, lembro-me agora porque não estabelecer parcerias com a Santa Casa da Misericórdia, tem património importante na região e que pode ser ligado neste museu, seja o museu do vinho e também o museu da gastronomia da região da Pesqueira. Era isso que eu tinha agora a dizer e depois estamos abertos, então, a novas ideias.

António Lima Costa (Resumo das intervenções anteriores)

O senhor Eng.º Cristiano Van Zeller refere como pontos importantes da sua intervenção, a oportunidade deste núcleo mostrar a história das quintas, o desejo de que seja um museu vivo, e não um depósito. Que seja também um instrumento de promoção dos vinhos e que sejam as quintas, elas próprias as mais emblemáticas, vértices deste núcleo. Penso que foi o essencial daquilo que referiu.

O padre Amadeu, em complemento, refere o núcleo como um museu criativo, moderno, como um espaço de festa à volta do vinho. Com o aproveitamento ao máximo das novas tecnologias, com um espólio permanente que seja uma montra dos produtores e que seja um museu / posto de turismo / enoteca. Que seja também um instrumento de promoção da marca Douro e que se aproveite e potenciem as parcerias com as diversas entidades. Penso que, naturalmente, é uma boa ideia.

Agostinho Ribeiro (Fundação Museu do Douro / Director dos museus de Lamego e Grão Vasco)

Muito bom dia, muito obrigado, senhor Presidente da Câmara, senhor presidente da Assembleia Municipal, excelentíssimos colegas da mesa, senhor director do Museu do Douro, senhor coordenador da Unidade de Missão, senhor presidente da Região do Turismo, mais entidades aqui presentes. Em primeiro lugar uma palavra muito especial que se me permitem ao senhor escritor Joaquim Moura, pessoa que muito estimo e que muito admiro e que faz o favor de ser meu amigo e que o vejo aqui e, portanto, não poderia deixar de o referir. Agradeço muito o convite que me foi formulado pelo senhor Presidente da Câmara, para tecermos algumas considerações, como, aliás, os meus antecessores nas comunicações o já fizeram a propósito do Museu que poderá vir a ser instalado em S. João da Pesqueira, no âmbito integrado no Museu do Douro.

Em primeiro lugar, a minha intervenção vai-se circunscrever a questões de natureza meramente técnica e legal, se assim o entenderem, e começa-se desde logo pelo princípio que é o que é um museu, como é que se faz um museu, como é que se cria um museu. Um Museu cria-se porque se quer criar, quer dizer, nasce da vontade, que pode ser individual ou colectiva. No caso concreto de uma vontade, que de facto tem congregado esforços, imensos, de diversas pessoas, entidades e realidades estruturais, que são aquelas que fazem o território da Região Demarcada do Douro e

que depois vão criando, conforme se foi precisamente estabelecido em lei, vários núcleos museológicos que poderão de alguma forma ajudar a compreender aquilo que é a nossa realidade, Douro. Mas se se faz querendo, faz-se por duas razões essenciais: ou nasce de uma colecção que existe e que se tem que musealizar, ou nasce de uma ideia que se tem e que depois se tem de materializar, portanto, são os dois elementos fundamentais que levam à constituição de um museu, em traços largos. É claro que, diz a história da museologia que não foi sempre assim, os museus nasceram por diversas razões, resultaram, são herdeiras de um sentido de um colecionismo, que se foi apurando ao longo de séculos. Mas hoje entende-se e vê-se o museu, como essencialmente, aliás, o meu amigo Cristiano já aqui o referiu, como um projecto essencialmente de desenvolvimento e, portanto, é assim que nós o devemos entender hoje em dia, seja qual for, a natureza ou a tipologia dos museus. Mas manda também a verdade que se diga, que em termos de história da museologia, sobretudo a partir do 25 de Abril e na década de 70, nasceram, enfim, museus por todo o território nacional, quase que surgiram como cogumelos, que foram aparecendo, muitas vezes sem as características necessárias, fundamentais, essenciais, basilares que nos permitem dizer: “Isto é de facto um museu, isto não é um museu”, e daí a necessidade, depois de muita reflexão e de muita análise e estudo ao nível dos museólogos, deste País, chegar-se à conclusão que, de facto havia que regravar e regulamentar minimamente para que se não dissesse que tudo o que pode acontecer, em termos de colecção visitável, de armazém de coisas que estarão, umas vezes abertas, outras não, em função de determinadas circunstâncias poderem estar ou não acessíveis à maior parte das pessoas, criou-se, enfim, legislou-se através daquilo que nós conhecemos como sendo a Lei-Quadro Geral dos museus nacionais e que define como é que, o que é que é, o que deve ser, como é que se deve minimamente estruturar um museu. Essa lei é a lei 47/2004, de 19 de Agosto, que trouxe, só por uma questão de, enfim, se entenderem depois aprofundarmos um bocadinho mais essas matérias. Mas logo diz claramente o que é um museu, que funções é que o museu deve ter, minimamente, que tipo de serviço é que é, para que de facto, como é que ele se pode credenciar junto das entidades, para que, de facto, depois disso possa ser uma realidade, resultado desse querer, que há bocadinho referi.

Eu diria, portanto, que a primeira questão fundamental é, e o senhor Presidente da Câmara referiu e muito bem, é o programa museológico, conceito que está na base da construção de um museu. Aqui sabemos que ele se insere numa estrutura, que é uma estrutura mais alargada, de um museu que já está, neste momento em fase, diria, de desenvolvimento, o museu da Região do Douro, polinucleado, como já aqui foi referido. E depois surgindo vários núcleos museológicos, que são museus ou poderão vir a ser museus ou colecções visitáveis e portanto, submetidos e sujeitos a estas regras, que a própria lei define e obrigatoriamente com o cumprimento de determinados parâmetros de actuação. O artigo terceiro define, claramente, e permitem-me que vos leia e serei rápido: “Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: alínea a) garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, consignação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos; alínea b) facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção das pessoas e o desenvolvimento da sociedade”, obviamente da sociedade que serve e representa e, portanto, estamos a falar da sociedade duriense, aqui entendida como a comunidade do território que é servido. O facto de ser sem fins

lucrativos, não tem nada a ver com aquilo, que muito pertinentemente, Cristiano Van Zeller aqui apresentou, que é a questão da mensuração e capacidade de exploração a nível comercial de todos os produtos que dão razão de ser ao próprio Douro. Ou seja, uma coisa não tem nada a ver com a outra, porque o que nós temos é que saber gerir devidamente todas estas estruturas, potenciá-las precisamente para de alguma forma ajudar à promoção do desenvolvimento, que é o grande objectivo que o Museu, de facto tem. Portanto, definido o conceito, enfim, em traços largos, definida uma missão estratégica para o Museu, neste enquadramento que aqui vos referi, tem algumas funções que estão no artigo sétimo, estão devidamente estabelecidas, e depois estas vocações, o enquadramento orgânico, as funções museológicas, horários e regimes, gestão dos recursos humanos e financeiros. Tudo isto são complexidades que têm que ser tratadas, resolvidas no âmbito das parcerias que se podem constituir para a organização do próprio Museu.

Finalmente um aspecto que é importante, que é o da credenciação, facto para se ser hoje museu é necessário que se credencie o museu, que se credencie essa estrutura e, portanto, há aqui um conjunto de procedimentos que vão ter que ser cumpridos para atingirmos esse objectivo global e final que é o da construção do núcleo museológico de S. João da Pesqueira, no âmbito integrado, na rede dos museus do Douro, com o Museu da Região do Douro como grande guarda-chuva, que faz de interface, digamos assim, desta realidade museológica para potenciar o nosso desenvolvimento e que, depois, deve também abrir a uma outra realidade, que é a realidade maior, onde eu também já me posso inserir, enquanto representante do Instituto dos Museus e da Conservação, que é na Rede Portuguesa de museus. Porque estando integrado quer no Museu da Região do Douro quer nos núcleos museológicos que compõem esta rede de museus do Douro podem beneficiar, da parte do Estado, de financiamentos, de apoios técnicos e materiais extremamente razoáveis e significativos no quadro daquilo que são as parcerias que são criadas para viabilizar e concretizar este grande objectivo, este grande desiderato que é a construção do Museu da Região do Douro com os seus respectivos núcleos museológicos.

Portanto, a nós compete-nos, de alguma forma, nesta discussão definir um conceito, já foi aqui apresentado, o Sr. Pe. Amadeu e Cristiano Van Zeller já apresentaram aqui algumas ideias, são os durienses que têm que o definir, somos todos nós que o temos que definir, e depois construir gradualmente toda esta complexa arquitectura museológica que vai permitir certamente aquilo que todos nós desejamos, é que o museu da região do Douro com os seus núcleos museológicos e muito em particular, porque é extremamente importante o núcleo do museu do vinho sediado em S. João da Pesqueira, sejam de facto uma realidade como esta, que é aquela que eu defendo desde sempre, na sequência do grande museólogo que é o Cristiano, porque ao dizer que não é, é de facto porque nos deu aqui uma lição daquilo que deve ser um museu, que não é só um armazém de coisas que são representadas mas é sobretudo uma estrutura ao serviço do desenvolvimento da região que representa e que se serve. Para já eram estas as minhas ideias. Muito obrigado.

António Lima Costa (Resumo da intervenção anterior)

O Dr. Agostinho Ribeiro alertou-nos para a questão do enquadramento legal do novo núcleo. Alertas muito importantes e muito interessantes. E a questão da missão estratégica para o museu, no fundo temos muita atenção com o conceito, com o desenho do modelo para este núcleo que queremos cá instalar. E a questão no fundo como culminar desse processo todo da credenciação do próprio núcleo, para que ele, no fundo fique integrado na rede nacional de museus a nível nacional.

Gonçalves Guimarães (Historiador / Arqueólogo / Solar Condes de Resende)

Muito bom dia Sr. Presidente de Câmara, Sr. Presidente da Assembleia Municipal, caros colegas de mesa e minhas senhoras e meus senhores, ao contar o Dr., o Eng. Cristiano Van Zeller quando começou por falar e dizer que era melhor falar, era mais difícil falar no princípio do que no fim eu penso que foi precisamente ao contrário, e depois o Dr. Agostinho Ribeiro e o Sr. Padre Amadeu quer dizer quase que abordaram todos os aspectos que eu ia falar e portanto não, não tenho muitos mais mas vou procurar, provavelmente irei repetir alguns e provavelmente irei abordar outras questões que não foram aqui faladas. O Dr. Agostinho Ribeiro acaba de definir muitíssimo bem a definição do que é um museu, o que é que se entende hoje por um museu e explicou que não foi, quer dizer ao longo dos tempos, esse conceito de museu foi variando de tal modo que hoje até quase se pode, há quem admita que um museu pode ser uma estrutura não, não física, não física portanto, mas que suponho que ainda há um pouco a ideia da recolha, conservação, estudo, sublinho estudo, de valorização, divulgação, usufruição de um produto ou de vários produtos. Aqui a ideia que se põe para o núcleo museológico da Pesqueira é que seja um produto, portanto seria um núcleo museológico temático. Depois, outra a ideia que ficou aqui subjacente naquilo que já todos falaram, é que há uma grande super estrutura que é o Museu do Douro e depois estas estruturas locais, estes pólos funcionarão em rede com essa super estrutura. Mas, depois, penso eu, e suponho que estamos aqui um pouco para definir isso, não acaba aí essa relação em rede. Quer dizer a super estrutura com os pólos, mas depois os próprios pólos já podem utilizar experiência de algumas outras estruturas mais locais, estou-me a lembrar do Museu Eduardo Tavares, estou-me a lembrar do Museu de Trevões, estou-me a lembrar das pequenas estruturas museológicas de quinta e com certeza também haverá processos de as articular mesmo dentro dos parâmetros legais de definição que o Museu deve ter, haverá possibilidade de as articular com toda esta rede museológica da Região, portanto, ou seja, aproveitar o existente, no sentido de o potencializar. Ora, o Núcleo museológico da Pesqueira será temático, o vinho, portanto eu vou dizer aquilo que toda a gente sabe, apenas para assentarmos melhor as ideias, o vinho é um produto temático mas é um mundo muito complexo, é um mundo, como todos sabem, alguns melhor que eu, com certeza, em alguns aspectos, tem a ver com muita coisa, tem a ver com história da paisagem, neste caso São João da Pesqueira e da região, tem a ver com grandes figuras do passado, o Museu do Douro vai privilegiar a divulgação do Barão de Forrester em breve, a questão do próprio Marquês de Sobral, aqui na Pesqueira, portanto um homem ligado intrinsecamente ao vinho. Depois, o vinho deu origem a grandes estruturas edificadas, como todos nós sabemos, não só as casas senhoriais, mas as próprias igrejas e capelas, e outros edifícios que tiveram a ver ou com o fabrico e a produção do vinho ou com o dinheiro que dele resultou para fazer esse edifício. O vinho tem uma relação íntima ou deve ter, uma das coisas que mais me custa compreender neste país é o divórcio, que não tem nada a ver com a lei que está para sair, é o divórcio que tem havido entre o vinho e a gastronomia, quer dizer, não percebemos este desentendimento que tem havido mesmo organizacional, digamos assim, o vinho vale por si próprio, a gastronomia também vale por si própria, o bacalhau vale por si próprio, talvez, as castanhas valem por si própria, só para falar em alguns aspectos da gastronomia. Mas, é evidente que todos nós passamos a vida a desejar que haja um bom casamento, um casamento que até pode ter nuances, pode ter imensas nuances entre o vinho e a gastronomia e mesmo aqui no Douro, esse divórcio é triste, mas pressuponho que ele não é fácil realizar este casamento, quer para os produtores de vinho quer para as pessoas que têm a obrigação de usar e de terem em

atenção a nossa gastronomia. De modo que este museu, este núcleo museológico do vinho pode e deve também servir para implementação ou para desenvolvimento destas suas componentes que estão intimamente ligadas, no caso da gastronomia.

Depois o produto do vinho tem a ver com as estruturas obviamente de produção, obviamente as quintas, os lagares, armazéns, mas também a navegabilidade do Douro porque é evidente que o interesse do museu quando é um repositório de qualquer coisa do passado, e permite uma lembrança permanente desse passado, uma lembrança, enfim, potencializadora desse passado, é no sentido não só de um contraste entre o que passou e o dia de hoje e o que há-de vir, preparar talvez melhor o que há-de vir, mas o museu deve ser também entendido como uma loja de felicidade. Quer dizer, suponho que também estava subjacente nas palavras do Dr. Agostinho Ribeiro este conceito. As pessoas vão ao museu para se sentirem um pouco mais felizes, quer dizer, com aquilo que vêem, com aquilo que aprendem, com aquilo que levam para casa que é depois outra componente que os museus actualmente devem ter, as pessoas devem ter a possibilidade de levar o museu para casa, é evidente comprando coisas no museu, é transformar que o museu seja uma loja de felicidade, a pessoa se sinta bem no museu, sintam-se de uma forma agradável nesse museu e depois que possa perpetuar esses momentos. Ora, essas estruturas de usufruição do museu nas estruturas edificadas, mas também nos aspectos da comercialização, é uma forma de dar continuidade a isso.

Depois o vinho proporciona mais-valias científicas, toda a gente sabe isso, quer dizer é a própria enologia, é o nutricionismo, é a medicina, é a sociologia, o que dá origem depois até a um turismo em volta do vinho que é um turismo de âmbito cultural. Depois a mais-valia artística que o Sr. Padre Amadeu também falou, a questão, a literatura, as artes visuais, o próprio cinema, portanto, em volta do conceito vinho são potencialidades que o núcleo da Pesqueira poderá vir a ter.

Ora, o que os museus quando são concebidos ou quando são estruturados ou quando são organizados, uma coisa que tem que ter em conta é os públicos alvo a que se destina, o público-alvo ou os públicos-alvo porque senão corre-se o risco do que acontecia no passado é que os museus, muitas vezes, serem feitos para auto-satisfação, quer dizer existia a estrutura, existia a legislação, existia o quadro de funcionários, o museu tem as suas obras de arte, ponto final, abre as nove fecha as cinco, está tudo bem, entrava num período de auto-satisfação que é o que se encontram alguns museus portugueses. Ou seja não promove investigação, não promove felicidade dos seus visitantes, não promove a sua divulgação, portanto quer dizer que está a meio caminho da morte, de estar em coma e depois morrer. Ora bem aqui estamos todos de acordo que esses museus são passado, esses museus devem desaparecer. O que quer dizer que não se trate talvez de criar aqui para a Pesqueira uma estrutura nem muito nem pouco, de modo algum uma estrutura pesada, mas uma estrutura leve, uma estrutura articulada, uma estrutura que privilegie o existente e que o desenvolva e potencialize, e portanto fala-se aqui também que hoje os museus podem ser feitos só com novas tecnologias, aí há um perigo que nós todos já demos por ela em alguns sítios ou algumas estruturas é que o excessivo potencializado à tecnologia, acontece que temos equipamentos fabulosos e que não há conteúdos para lá pôr ou que há conteúdos que não se articulam com esses equipamentos ou que há conteúdos que ficam perdidos pela máquina tecnológica, quer dizer o que sai de lá é tão pouco, que nós vemos só a tecnologia e passaríamos a ter talvez um museu de super computadores de última geração em que os conteúdos seriam tão fraquinhos que as pessoas gostariam de ver só o computador, isso também não pode acontecer,

nem deve acontecer. O público-alvo aqui é evidente que são os naturais. A gente diz isso quase que não podia deixar de dizer de outra maneira, pois é óbvio os naturais são o público-alvo desse museu porque os naturais devem-se rever no seu museu quer dizer não deve ser uma entidade estranha que é colocada na sua região como às vezes acontece. Criam-se estruturas que os naturais «Isso não tem muito a ver conosco, isso foi alguém que aqui meteu» isto aqui, penso que está completamente fora de questão, portanto, o público-alvo do museu são os naturais da Pesqueira, são os naturais do Douro. Mas depois há outro público-alvo imediato que também é óbvio, que são as escolas, portanto isso aí é a tal função de preparar o museu, servir para preparar o futuro e depois são os turistas, que são aquelas pessoas que vêm do outro lado e que procuram, vêm aqui, se calhar o seu objectivo principal não é entender o ciclo do vinho, não é entender exactamente as castas, às vezes é um público, um turista mais curioso. As pessoas vêm ao Douro para se deslumbrarem com a paisagem, com a sua história e, sobretudo, passarem um bom bocado. Isso não tem mal nenhum na vida, todos nós trabalhamos imenso, todos nós ansiamos por passar um tempo sem fazer nada em qualquer sítio do mundo, passar um bom bocado com tudo de bom que isto significa. Então um museu também deve servir para isso, porque as vezes acontece que, ainda há dias fui ver uma exposição, que estava incrivelmente bem-feita do ponto de vista intelectual, com certeza que sim, mas era uma maçada ver aquela exposição, porque a quantidade de conteúdo era tão grande, tão grande, tão grande que até fisicamente era cansativo ver a exposição, a pessoa tinha de se dobrar muito para ler aqueles painéis etc, etc.

Portanto, hoje há regras museológicas, qualquer museólogo sabe isso, sabe como dar o seu produto ao público, mas convém ter isso em atenção, quer dizer, os públicos-alvo que vão ao museu. E depois haver vários programas expositivos para as suas capacidades de apreensão.

Claro que hoje, na linguagem oficial, na linguagem da legislação, que muito bem aqui foi apresentada e avisada há algumas palavras que estão em risco de desaparecerem. Por exemplo, aquela questão do sem fins lucrativos. Como sabem, ainda recentemente, o grande ideólogo da economia mundial, George Bush sofreu um colapso tremendo nas suas ideias do sem fins lucrativos ou antes ele achava que era precisamente ao contrário, tudo tinha que ter fins lucrativos e como sabem estão num período de revisão dessas ideias.

Ora aqui nos museus a ideia é, também, um bocado essa. Eu penso que não tem mal nenhum o museu ter fins lucrativos porque senão corre o risco de não ter uma boa parte de auto-financiamento, quer dizer, esta palavra sem fins lucrativos está a dizer que alguém, arrecada para si as mais-valias etc. É evidente que hoje, já estamos um pouco longe desse capitalismo mesmo a nível de museus, portanto não faz mal, quer o museu seja público quer privado, não faz mal nenhum que dentro do quadro legal, obviamente, tenha fins lucrativos. E portanto as pessoas devem fazer, devem pensar que o museu vai ser grande parte auto-financiado, ou deve ser, porque se não o for nunca passará dum critério amador. E os amadores são pessoas que amam, são pessoas muito importantes na vida para tudo seja qual for a actividade, mas o pior que pode acontecer num museu é ele ser gerido de uma forma amadorística ou com objectivos amadorísticos, quer dizer um museu deve ser gerido por profissionais e os profissionais visam obter lucro. O lucro não é exactamente sempre dinheiro, não é sempre igual a dinheiro, quer dizer, é obter mais-valias, mais-valias que também podem ser financeiras.

E suponho mais importante, talvez, do que criar qualquer estrutura dentro do museu mais clássico que é o edifício, que é o sítio do museu, a sede etc., talvez hoje a questão seja o conceito, ter o conceito de museu, neste caso do núcleo museológico do vinho da Pesqueira, articulado na grande super estrutura do Museu do Douro e que esse museu comece a funcionar com os meios cuja tecnologia nos dispõe, ou seja, divulgação de conteúdos porque o interesse pelo vinho na Pesqueira já é patente, já é patente no seu centro histórico, já é patente nas suas quintas, já é patente nas vinhas que estão na paisagem, já é patente em muitos outros sítios que existem. E portanto talvez o mais fácil, não exactamente do ponto de vista de elaboração, o mais fácil em termos de produção, de custos de produção, seja exactamente pegar no que existe e criar uma estrutura *soft* que vá começando por divulgar essa ideia do que é um núcleo museológico do vinho na Pesqueira através dos meios de divulgação que todos nós hoje conhecemos.

E, pronto, era isto que eu teria para dizer, para já.

Muito obrigado pela atenção.

António Lima Costa (Resumo da intervenção anterior)

Muito obrigado, senhor doutor. O senhor doutor alerta-nos para várias questões e chama-nos a atenção para um modelo possível, que é uma tónica mais imaterial deste núcleo e a ligação que a meu ver é fundamental com a gastronomia. De facto, isso começa a ser consensual nesta primeira parte deste evento.

O vinho do Douro e a sua relação umbilical com o rio Douro. Penso que também não deve ser descurado desta tónica e o conceito de loja de felicidade e ainda derivar um pouco para essas novas tendências de mercado, este mercado que há agora do bem-estar, da saúde pode ser aproveitado, integrado neste espaço eventualmente. Importância dos conteúdos em detrimento do hardware e a questão do núcleo como uma estrutura para criar valor, para se auto-financiar criando valor para a terra e para região em geral.

Agradeço-lhe a sua intervenção.

Eduardo Dâmaso Frederico (Vitivicultor / membro da Assembleia Municipal)

Bom dia a todos, não sendo propriamente um especialista em museus tal como o Eng^a Van Zeller, sou essencialmente um observador.

Não poderia, no entanto, deixar de aceitar o convite que me foi formulado pela Câmara Municipal de São João da Pesqueira. Isto porque sou um pesqueirense, em primeiro lugar, sou um duriense, também, naturalmente e sinto como obrigação natural, sendo de São João da Pesqueira, de ajudar, participar e promover a minha região. Faço-o com todo o gosto, naturalmente, mesmo tendo alguma dificuldade, depois de tão brilhantes exposições e oratórias que aqui assistimos, naturalmente aparecer com ideias novas. Vejam-nas, essencialmente, como ideias de alguém, que vê São João da Pesqueira, se calhar, um bocadinho mais longe, a minha actividade profissional a isso me obriga. Gostaria também de me congratular, naturalmente, pela iniciativa do Museu do Douro e do executivo camarário para abraçar este projecto, na criação deste núcleo museológico em S. João da Pesqueira, conhecida, como é, como centro de produção do vinho do porto.

Ora, inteirei a minha exposição, diria eu, essencialmente olhando para as razões de criação de um museu, de um núcleo museológico em S. João da Pesqueira, olhando um pouco, talvez, também,

para aquilo que eu considero como sendo potencialmente vantajoso e as recomendações que eu poderia, com a tal visão externa, fazer. E desafio-vos, e que oportunidades se podem colocar com a criação deste núcleo museológico. Como eu disse anteriormente, é natural que algumas das coisas tenham sido já mais profundamente e melhor abordadas, essencialmente gostaria de apontar alguns tópicos. Para mim, vejo como razões para a criação deste núcleo museológico, em primeiro lugar, a defesa do património vitivinícola e vinhateiro da Região Demarcada do Douro, acho que é fundamental que esse paradigma subsista na criação deste núcleo museológico. Servirá, também, naturalmente, ou deverá servir para fazer a divulgação e o apoio à cultura tradicional do cultivo do vinho, há história para contar, há passado, há presente e há futuro relacionado com o vinho e, portanto, o núcleo museológico deve também ter essa perspectiva. É evidente que não poderemos desligá-lo da motivação turística, naturalmente, terá ou deverá ter, tendo em atenção que felizmente, o Douro continua a estar ainda na moda e os visitantes, continua a ser visitado por muita gente, a maior parte delas, estrangeiros e, portanto, deve também ter essa motivação. E portanto, a partir daí, deve fazer a promoção e a divulgação do produto por excelência, que é o nosso vinho generoso. Mas também deve servir, ou deve ser criado, para potenciar a melhoria da qualidade do vinho e a sua competitividade a nível internacional. É evidente que isso pode ser feito por cada um em particular, mas podemos aproveitar, digamos, a criação deste núcleo, também, para potenciar a qualidade do vinho.

Como vantagens ou recomendações, diria eu, a criação do núcleo, deverá conduzir também, à existência junto dos organismos e entidades ligadas ao turismo e às próprias agências de viagem, deverá ser organizado de modo a que seja um ponto de visita obrigatório dos circuitos turísticos, fomentando desse modo a divulgação e a promoção do produto mais característico da Região. Não nos podemos esquecer que existe uma cultura e uma tradição regional ligada à produção do vinho e, portanto, ela também será ou deverá ser objecto e fazer parte, digamos, do próprio núcleo museológico, fomentando dessa maneira o conhecimento e a troca de experiências com organismos congéneres, dos quais já hoje, aqui, foram nomeados alguns.

Acho que devemos também aproveitar a existência deste núcleo para a divulgação de outros produtos característicos da região. Felizmente existem. Criando também essa diversidade de gostos e de sabores tradicionais, alguns dos quais são até enaltecidos, diria eu, com a própria degustação dos vinhos da Região. São bem conhecidos actualmente e a maior parte deles bem sucedidos, por aquilo que se designa hoje, os *gourmets*, pois, eu acho que deveria haver aí uma aposta nessa vertente.

Tal como se disse aqui, repetindo-me um pouco, não poderemos esquecer-nos de aproveitar as novas tecnologias da informação, para promover a divulgação, não exclusivamente do núcleo, mas também, a realização de eventos, de congressos, de encontros ligados à Região Demarcada do Douro, bem como, à criação de parcerias também já hoje aqui mencionadas. O que é que vai permitir? Naturalmente, uma divulgação e uma diversificação da própria oferta cultural que naturalmente vá estar ao dispor da população. Gostaria também de salientar que no museu ou no núcleo museológico deveria ser dado algum significativo realce, digamos, aquilo que tem sido o esforço e o trabalho dos durienses para criar as paisagens que hoje temos nesta Região.

Em termos de desafios ou de criação de oportunidades. Nós hoje devemos ver sempre os desafios como oportunidade que temos, digamos, de fazer melhor. Eu acho que a própria criação do núcleo, já em si mesmo, se constitui como um desafio à comunidade em geral e ao concelho de São João da Pesqueira em particular, o que importa ter na sua constituição, digamos, na sua criação, na sua constituição. Uma das condições para a sustentabilidade será, realmente, a existência de condições de atractividade que deverão estar presentes na constituição do próprio museu, quer depois na sua manutenção pelos seus responsáveis.

A criação de parcerias estratégicas é também fundamental para o desenvolvimento do núcleo, como pólo gerador da promoção e divulgação da Região Demarcada, e da sua cultura tradicional, portanto devendo contribuir para a criação de mais-valias e para a conservação dos valores regionais. Deverão ainda ser criados mecanismos financeiros, também já se falou aqui no próprio auto-financiamento, que permitam a sua sustentabilidade económica. E devemos também aproveitar a oportunidade, provavelmente, para criar, digamos, novos cursos de formação profissional, que possam também atrair a juventude porque naturalmente quem estiver, digamos, a dar a cara na explicação e no acompanhamento do museu, terá necessariamente que ter alguma capacidade e formação profissional.

Agradeço a vossa atenção e isto é o que de momento me foi possível concretizar e dizer. Muito obrigado.

António Lima Costa (Presidente da Câmara de S. João da Pesqueira – Resumo da intervenção anterior)

Muito obrigado, Sr. Engenheiro, sempre foi defendida aqui a tese, digamos, que este espaço deve ser um instrumento de divulgação da história e do futuro. A aposta no núcleo como forma de divulgar as nossas mais-valias turísticas e uma outra valência que me parece muito interessante que é, no fundo, ter uma atitude proactiva junto dos agentes do negócio do Turismo, das agências de viagens, etc., e ainda a constituição deste espaço como uma oportunidade de formação quer dos vitivinicultores, tendo em vista a melhoria da qualidade do vinho, e também das pessoas e, populações em geral. Aqui naturalmente surge com alguma evidência se calhar uma parceria, que poderia ser potenciada com a Escola Profissional que tem já alguma experiência neste domínio, na área do Turismo, a Escola profissional do Alto Douro que está aqui sediada, em São João da Pesqueira, e que porventura haverá espaço para juntar essas duas instituições. A ligação do vinho outra vez com a gastronomia aqui especificamente em relação aos produtos regionais, aos nossos frutos secos, ao mel, eventualmente, etc., e ser também um elemento de homenagem aos fazedores da paisagem. Penso que é um conjunto de ideias interessantes.

Jorge Morgado Veiga, Presidente da Assembleia Municipal e professor de História

Muito obrigado Sr. Presidente pelo convite e pela oportunidade que nós temos de enriquecer o nosso concelho e a região do Douro em geral. Queria cumprimentar, certamente, o senhor Director do Museu do Douro, o senhor Director do Museu de Lamego, os colegas que estão aqui na mesa, o público em geral, dizer-lhes a todos que para nós é uma grande satisfação enquanto residentes no concelho, enquanto membros desta comunidade do Douro que não podemos dissociar, de termos mais este elemento, é uma mais-valia do ponto de vista cultural e elas são sempre muito bem-vindas.

É verdade senhor professor que, quem fala no fim corre o risco ou de ser chato ou de se repetir, e de maneira que este conjunto de ideias que tínhamos para lançar sobre a formação deste núcleo museológico do vinho em S. João da Pesqueira, perdi-me um pouco na ideia que estava a tentar transmitir. Mas dizia eu que corríamos o risco de nos repetir, contudo nós estamos inseridos numa paisagem vinhateira em que toda ela é moldada pelo cultivo da vinha e do vinho, e dessa realidade não podemos fugir. De maneira que a criação deste núcleo também assenta no pressuposto de que nós, este não pode ser formado sem termos sempre presente as quintas e os produtores. O vinho é uma ideia muito importante. O museu, este núcleo tem que educar as pessoas que pretendem, quando o pretendem visitar, temos que educar, sobretudo para a realidade desta cultura da vinha e do vinho e nós não podemos correr o risco quando trazemos o público-alvo, (o Museu não pode ser, conforme dizia o senhor professor, um local de auto-satisfação, quando trazemos o público alvo não podemos correr o risco de, como quando havia um aluno e lhe perguntavam de onde vinham os frangos e ele respondeu que vinham do hipermercado, não é isso que nós pretendemos); nós temos que tentar dizer e mostrar a esse público-alvo que, efectivamente, há uma cultura já muito antiga da vinha e do vinho, temos que fazer todo esse percurso para lhes mostrar que o vinho como bebida nobre tem um historial muito antigo, e portanto temos de saber divulgá-lo em toda a sua plenitude. Este núcleo que aqui se vai fazer, em S. João da Pesqueira, quanto a mim eu preferia, inicialmente senhor Padre Amadeu, que ele estivesse envolvido, se olharmos aos museus do vinho que a gente hoje pode visitar, que eles estão inseridos em grandes propriedades, em antigas instalações e quintas, eu sou adepto de que estes museus deveriam estar, deveriam conter a realidade dos instrumentos que fazem parte da história da cultura do vinho e da vinha, porque efectivamente quem visita, penso eu na minha perspectiva, gosta mais de ver todos esses instrumentos do que propriamente, (é evidente que não estou aqui a pôr de parte esses recursos multimédia, os ecrãs que nos mostram todo o historial, não ponho de parte), mas eu preferia que o museu assentasse numa estrutura destas. Como temos de nos cingir a um espaço urbano, creio eu aqui dentro da vila, então poderemos partir para esse edifício, com essa modernice que o padre Amadeu dizia, e portanto entendo que o núcleo museológico vinha aqui da Pesqueira e do Museu do Douro deve assentar, (nos trazer), aos percursos ligados à vinha e ao vinho, ao mundo rural e social, à própria arte da região, do concelho primeiro e depois da região e até à recolha de documentação específica.

Eu há pouco tive cuidado de perguntar ao Sr. Director do Museu se por acaso o espólio da Real Companhia Velha ficaria na posse do Museu do Douro, disse-me que não. Isto entristece-me muito, enquanto estudante tive oportunidade de durante quatro meses fazer a recolha, digamos assim de todo os recursos manuscritos da Real Companhia Velha desde 1756 para cá e tive oportunidade nesses quatro meses, foi muito pouco tempo que pude verificar o que ali estava, mas tive oportunidade de verificar por exemplo quanto é que se pagava aos homens naquela altura, quais os instrumentos que eram ali tratados para poder transportar o sulfato, os pulverizadores, as primeiras sulfatações que se faziam, já nessa época. O vinho que ia das quintas, quem eram os caseiros, a relação que existia, tudo isso faz parte do historial que nós não devíamos perder, eu espero bem que (...)

[intervenção Fernando Maia Pinto – director do Museu do Douro]

Nós não ficamos materialmente com esses objectos, mas ficamos ligados a esse espólio, vai ser disponibilizado.]

Eu sei que para breve estará para publicação a História da Real Companhia Velha, se não estou em erro. Já me satisfaz porque uma das ideias que eu deixaria aqui para este núcleo museológico de S. João da Pesqueira seria precisamente de uma recolha de documentação específica (relativa ao concelho), histórias de quintas, são elas que fazem esta realidade do Douro, da vinha e do vinho, e nós precisávamos de mostrar, precisamente ao público que vem ver estes museus, temos que lhe mostrar, precisamente, todo esse historial.

Entendo que este espaço tem de ser um espaço didáctico com a história, cultura e civilização do vinho; tem que ter exposições e salas temáticas também; enoteca com uma loja de vinhos, eu não posso acreditar que este núcleo museológico ponha de parte os vinhos, tem de estar forçosamente presentes, temos que dar a conhecer o que aqui se faz. Também equipamento multimédia e até um pequeno auditório para enriquecer ainda mais, e para que as pessoas possam ficar com todos os contributos que este museu vai trazer.

Porque não nesta região vinhateira, eventualmente criar subpólos que se enquadrem nas freguesias ou nas quintas, porque nós temos uma riqueza extraordinária, um património muito grande espalhado e que muitas vezes anda por aí perdido, de que não temos conhecimento, quantos lagares em xisto estão espalhados por esses cardanhos aqui na região do Douro, quantas prensas de cepos de castanho estão por aí espalhadas, que estamos a deixar cair, não estamos a aproveitar e é função do museu também preservar, antes de divulgar é preservar, temos que dar esse conhecimento. De maneira que essa recolha seria, quanto a mim, seria muito útil, talvez com a criação desses subpólos em algumas freguesias ou algumas quintas. Penso que devíamos fazer essa recolha e porque não também associar a este núcleo a gastronomia, penso que é muito importante, temos tanto para divulgar, porque não partir também desta acção.

Ainda ontem penso que a Directora do Museu do Vinho de Paris falava na Régua, no encontro que houve, e a determinada altura, eu li na imprensa porque não pude estar presente, mas a determinada altura lamentava-se, certamente, da dificuldade que tem em chamar ao Museu do Vinho em Paris as pessoas e associou aos vinhos, a esta bebida, associou no processo de degustação, os queijos e o chocolate, penso que foi isso que ela fez. Porque não nós reforçarmos esta intenção de associarmos a este núcleo a gastronomia.

Depois, entendo também que devemos articular este núcleo museológico com todos os outros museus com vista à complementaridade de projectos e de ideias, vamos partilhar também estes saberes técnicos e científicos, de recursos, serviços e programas de acção cultural e social. Tornar este museu bastante mais apelativo e vivo e porque não inseri-lo num roteiro de rede nacional ou até internacional de museus de vinho, penso que era um contributo bastante válido, hoje temos a internet que é um veículo tão importante e rápido para fazermos esta divulgação, penso que o devíamos também fazer.

Outras ideias que tinha por aqui, mas que são repetidas prefiro dar oportunidade também ao público de se exprimir que ainda não teve essa oportunidade.

Queria dizer que é uma grande satisfação para nós enquanto autarcas naturais de S. João da Pesqueira recebermos este núcleo museológico, queremos que ele seja um núcleo museu activo, bastante intenso, que não esteja parado, queremos que o museu guarde memórias, mas queremos

sobretudo abra portas e caminhos para o futuro de quem nos visita e de quem precisa olhar esta realidade que é o Douro. Eram estas as palavras que eu tinha a dizer acerca deste núcleo museológico, estamos disponíveis para o debate e depois algumas ideias que podemos trocar.

(António Lima Costa, Presidente da Câmara Municipal (resumo da intervenção anterior))

Muito obrigado Sr. Presidente da Assembleia, referiu algumas ideias que já tinham passado por aqui, a história e a cultura sempre por detrás deste núcleo, a ligação muito íntima às quintas, aos produtores e eventualmente com a criação de subpólos nas freguesias. A ideia de percursos e rotas e o próprio núcleo ser no fundo um ponto de partida para usufruto desses percursos e rotas. Que este espaço seja também uma oportunidade para a recolha e inventariação sistemática da riqueza cultural que existe no concelho, que seja também uma oportunidade de ensinar os nossos jovens, crianças, ter uma componente didáctica forte.

O conceito de museu/enoteca já referido e que me parece muito importante e o reforço na ligação à gastronomia como peça fundamental neste espaço.

Intervenções da plateia

Chegou o momento de abirmos o nosso espaço de debate, gostaria que houvesse o máximo de participação possível até às 12h30, 12h45 para depois seguirmos para almoço.

José Alves Ribeiro (UTAD), tenho duas ou três coisas a complementares, falou-se de figuras relevantes da História do Douro, Barão de Forrester, Marquês de Soveral, não esquecer a D. Antónia Ferreirinha e também não esquecer o Eng. Moreira da Fonseca (estou a puxar, um bocadinho, a brasa à minha sardinha de agrónomo, que também foi marcante na viticultura duriense) e também outras figuras que em eventos comemorativos lembradas e até, pedagogicamente, para se lançar na juventude um melhor conhecimento dessas figuras da história nossa região. Também a questão do casamento gastronomia e enologia. A restauração em si própria devia ser estimulada e auto-estimulada, as estruturas de turismo obviamente terão um papel em espicaçar essa ligação e as confrarias.

Fernando Maia Pinto (Director Museu do Douro) não vamos ter aqui no Museu do Vinho uma secção de restauro das peças, porque senão é dar mais uma valência que é muito cara, portanto temos de ter uma economia de escala, para isso era a minha ideia e do Sr. Presidente tornarmos aqui um pólo do Vinho e ser um pólo excelente e não ser apenas mais um pequeno lugar, mas ser um centro importante para o vinho, centrar mesmo muito no vinho. Claro que associado à gastronomia e claro que associado à loja de vinhos, e aos eventos e a festa e isso tudo. A ideia que começou a ser geminada e que vamos pôr à discussão e que estamos aqui a ver já foi um bocado pensada por essas estruturas, câmara e museu. A gastronomia por exemplo, a história que agora ouvi, deliciosa, do cabrito de Lamego, vem mesmo a propósito, nós em Lamego e com a presidência da câmara de Lamego queríamos fazer um pólo da gastronomia, claro que não pode fazer um pólo de gastronomia sem falar no vinho, claro que temos que usar a UTAD e o departamento de Antropologia para investigar antropologicamente o problema da gastronomia, isto não quer dizer que uma pessoa não concentre toda a gastronomia em Lamego e aqui não se coma nem um pombinho, aqui tem de se comer os pombos dos pombais, que a primeira prioridade dos pombais foi até conservar a águia de *bonelli*, foi serem alimento para as águias, é um bocado perverso e cruel a reabilitação dos pombais, mas resultou a águia já nidifica porque desapareceu o coelho, e os

pombos têm fundamentalmente servido para isso. Estas coisas estão todas ligadas e isto no fundo não é a história do pombal e a história do cabrito, estão ligadas na gastronomia, e o Museu do Douro tem de estar atento a isso e tem que saber antropologicamente uma fonte de proteínas no Douro Superior era o pombo e o pombinho e o arroz de pombo etc. e o cabrito e o arroz de cabidela. Nós temos de estar atentos, temos que cada um dar o seu melhor para criar esta rede interna de pólos do museu e depois há outra coisa que nós temos de fazer e fundamentar e que está ali em baixo no átrio, que é uma rede de museus que não são os pólos temos que fazer uma relação com os núcleos museológicos com as quintas, o problema das quintas e da história, nós temos de criar dentro da estrutura do Museu do Douro links, ligações com os sítios onde realmente está o lagar autêntico, temos de ter lá um pólo, um subpólo, uma chamada de atenção para essas coisas todas. Mas a concentração da atenção, hoje, é sobre o pólo do vinho, claro que não se pode esquecer todas essas valências e todos os outros projectos que estão a nascer e temos que ter, e este meu alerta, que há outras linhas de actuação.

Maria de Lurdes Costa (professora reformada) eu concebo o núcleo museológico da Pesqueira como muito particular, tenho lutado ao longo da minha vida como professora com preservação das tradições, de tudo o que seja história. Eu concebo o museu como um museu de vida em redor do vinho, para mim é uma casa de xisto com a loja dos animais por baixo, a adega, com as pipas inclusivamente com as sovelas penduradas no toco da prensa ou penduradas em ganchos; com o tempo das favas, na escola, para nós, era espectacular, na altura em que os meninos não tinham tanta fome e rendiam mais, com a bola dentre a lenha, com as sopas de vinho, com o caldo de versas de feijão feito no pote. Eu concebo o museu como uma amostra também de tudo o que era a vivência, não esquecendo as figuras históricas que deram vida e riqueza ao Douro, a paisagem, a maneira como se fazia os vinhos, os socalcos, a filoxera, a Ferreirinha, tudo isso que inclusivamente estará bem tratado na sede principal na Régua.

Mas aqui temos lugares espectaculares, sítios onde está integrada a vinha em plena produção, e que se podia encaixar uma casa feita de xisto, onde aí se recria-se a vivência da família humilde, e depois mais tarde uma casa melhor com a família já mais abastada, mas tudo o fosse em redor disso, com o forno a trabalhar, um museu activo porque um museu monobloco; eu gosto muito de ir a museus e por vezes tem de ser mesmo assim, muita vez quando a pessoa não é interessada é cansativo, é cansativo porque tem de que olhar para as legendas, tem de ver que afinal de contas aquela peça é de que século, quem foi que utilizou, como utilizou; nem sempre as pessoas têm muitas vezes cultura outras não estão receptivas a que realmente disponibilizarem um bocado de tempo para estarem a ler e se inteirarem do que foi, e noutra ocasião sai-se dali com um bocado de frustração porque é que não tive tempo para ler tudo, eu queria ver melhor, queria certificar-me melhor como aquilo foi feito, porque é que existia, e no entanto não se tem tempo. Por isso aqui na Pesqueira, inclusive, podia-se recriar um bocado disso, termos espaços que se podia construir uma casinha, à antiga, e nessa casinha pôr a família a cozer no forno de lenha e claro com dias, isto teria de ser muito bem estudado, em que dias estaria o museu em actividade, porque não se podia manter todos os dias. Claro que a enoteca muito bem, mas integrada numa taberna antiga, numa casa dessas onde vendesse o vinho como era aqui. Nós não nos podemos envergonhar do nosso passado e temos que fazer uma cultura do passado, porque muitas vezes eu tinha pena os meus alunos que eram de uma terra que estava plenamente integrada no Douro, aliás é uma terra mais produtora de vinho, e vinho de melhor qualidade, e muitas vezes os miúdos não sabiam o que era

cavar e eu ficava espantada como é que não sabiam o que era cavar, e no entanto eram filhos de famílias que viviam do campo, mas hoje já não há necessidade dos miúdos irem trabalhar para o campo. Mas eu gostaria muito que ficasse retratado nesse museu as dificuldades que os professores tinham na altura das vindimas, porque os miúdos nas vindimas só começavam a ir para a escola aí por fim de Outubro, precisamente porque a miséria era muita e eles tinham que ganhar alguma coisa para depois poder comprar os livros e enfim ajudar um bocado ao sustento da casa.

Era engraçado nos sítios, nos locais aqui do encontro para uns feitores arranjam as Rogas e contrataram as Rogas para irem fazer as vindimas, era bonito recriar também aquela parte das Rogas a correrem as aldeias ao toque da concertina e dos bombos a deslocarem-se para as quintas a pé. Toda essa vivência que realmente tem que de estar hoje muito patente no museu senão ele acaba por ser monótono e sem interesse porque não tem grande apetência na pessoa que vá ali e que não sinta, que não viva, não saiba o que é no Douro uma bola de carne bem cozinhada no forno, ou que não saiba o que eram umas sopas de cavalo cansado ou que não sabe o que é um ex-voto ao Santo António porque a vaca ou boi por andarem com as pipas atrás deles, os machos, e os animais todos tiveram um acidente e lá vai uma promessa ao Santo António. Era bom lembrar, deixo isso à Vossa consideração, porque acho que estão muito bem rodeados de gente que sabe bem o que é um museu.

José Arruda (secretário geral dos municípios do vinho), penso que alguns dos temas que foram aqui abordados são extremamente importantes e gostaria de falar, de uma forma sucinta sobre eles. Gostaria de saudar o Museu do Douro por esta excelente iniciativa, o município pela iniciativa e mostrando o empenho que os municípios têm na promoção dos vinhos e teríamos muito gosto que este município também viesse a fazer parte da nossa associação.

É uma associação que tenta juntar aqueles municípios que trabalham na área do vinho e nós começamos, há um ano e meio com cerca de 20 municípios e hoje temos 72 municípios de todo o país, Açores e Madeira incluído que fazem parte desta associação.

Na vertente turística nós estamos a procurar desenvolver um projecto ligado às rotas do vinho, no sentido de certificação das próprias rotas e de fazer um projecto de âmbito nacional, um pouco em parceria com uma associação espanhola, que existe, de municípios que é a ACEVIN que desenvolveu em Espanha um projecto idêntico e que tem sido um êxito.

Nós temos com o Instituto de Turismo de Portugal e vamos ter provavelmente no final de Novembro uma reunião no sentido deste projecto poder avançar.

Quanto a questão dos museus temos desenvolvido algum trabalho, existem mais de 20 museus e colecções de vinho e decidimos criar uma rede informal de todos estes museus.

O Museu Nacional do Vinho em Alcobça, que se encontra encerrado há mais de um ano e que é pertença do IVV (instituto da vinha e do vinho), mas com a sua reestruturação, encerraram-no, retiraram as pessoas que trabalhavam no museu, e tem estado encerrado, temos estado a tentar resolver o assunto, foi abordado na anterior reunião bem como naquilo que é a articulação com outros países.

Tivemos este ano, em Abril, o primeiro congresso ibérico de Museus do Vinho, organizado pela nossa Associação em parceria com a Associação de Museus de Vinho de Espanha e ficou decidido de dois em dois anos se realizar um congresso ibérico dos Museus do Vinho, e portanto é uma iniciativa que penso que correu muito bem que realizamos a 30 de Abril no Cartaxo e será realizado no próximo ano um novo congresso em Espanha.

Quanto à questão da gastronomia também penso que é uma questão importante, gostaríamos de dizer que nós enquanto associação estivemos presentes na feira de gastronomia de Santarém com provas e vendas de vinhos durante os dezasseis dias do festival, e estamos em negociações com a Câmara Municipal de Santarém, Dr. Moita Flores, no sentido de no próximo festival de gastronomia, o vinho ser um complemento e integrar o próprio festival. Provavelmente haverá inclusive uma alteração do nome e o festival não será apenas da gastronomia, mas será da gastronomia e do vinho português.

Há aqui esta tentativa de ligação, que aqui foi abordada e bem, da gastronomia ao vinho e a importância que isso tem para a promoção do vinho.

Uma outra vertente, para terminar da formação. Em 2005 firmámos um acordo com a CAP, confederação de agricultores de Portugal, para fazermos formação na área de restauração e do vinho, o responsável desta formação será o Eng. Mário Lobo e vamos começar com oito acções., ainda este ano de formação para restaurantes só na vertente do vinho. Muito obrigado.

Agostinho Ribeiro (Director do Museu de Lamego e membro da Administração da Fundação Museu do Douro) três brevíssimas notas porque me parecem importantes tudo aquilo que já foi referido. O mais importante é este, nós já temos programa museológico, quer dizer se juntarmos todas as impressões e informações que aqui foram apresentadas, ainda que algumas possam ter que ser reequacionadas e repensadas, temos aqui com bastante consistência de forma substantiva, aquilo que há-de ser a génese museológica para o museu do vinho em S. João da Pesqueira.

Depois dizer, fiquei muito sensível a determinadas questões que foram aqui apresentadas e dizer ou perguntar, é que nós temos muitos Douros no Douro, é um Douro da jorna mas também é um Douro do lavrador, é um Douro do feitor, é um Douro do proprietário de quinta é um Douro que de facto se cruza em imensidões de diversidades, cujos formulários museológicos para sintetizar tudo isso e mostrar enquanto, espelho do território não é uma tarefa fácil. E eu falo à vontade, esta excelência da diversidade, desde a grandeza à miséria, da grande dificuldade à abastança são realidades que tem de ser expressas e espelhadas nos diversos núcleos que hão-de constituir esta totalidade do mundo territorial que é o Douro através dos vários museus que serão criados. E digo bem museus, quando dizemos que isto vai ter de ser segundo a lei que criou o museu, vai ter que ser polinucleado, o que significa que vai ter núcleos museológicos espalhados pelo território, como o sr. Director do Museu e muito bem, de excelência em cada uma das temáticas que vão ser fundamentais para a explicitação desta totalidade, esses núcleos podem ser chamados de museus, são núcleos museológicos mas são verdadeiramente museus, e por uma razão muito simples, porque se estivermos a pensar na lógica de rede, que é essa que importa sublinhar, teremos sempre o cumprimento das funções museológicas em termos de partilha. Ou seja, se um determinado museu ou núcleo museológico para melhor percepção, não tiver uma determinada componente, mas se no espírito e âmbito da rede um outro museu que com vantagem assume essa

responsabilidade funcional, então nesta lógica de museu da região do Douro integrando todos os museus e núcleos que o constituem, nós vamos ter aí de facto um museu, um verdadeiro museu que é o território na sua totalidade.

Mas não nos esqueçamos de uma outra coisa do ponto de vista do conceito museológico é muito importante, nós não podemos musealizar tudo, musealizar tudo seria uma tarefa impossível. O facto de musealizar é seleccionar, optar, nós temos que fazer opções, eu estou à vontade já vos disse e vou repetir em relação a um determinado aspecto que me parece importante, quando a Lei 125 foi aprovada para a constituição do museu, tive o privilégio e honra de presidir à comissão instaladora, e presidi à comissão instaladora que definiu o conceito de museu, em termos territoriais, seguindo aquilo que estava na lei, e fui muito criticado em Lamego, por ser director do museu de Lamego e lamecense, e defender e definir o que está na própria lei, que a sede do museu de território era em Peso da Régua, porque achavam determinados pensantes que a lógica de um território tem de passar pela lógica da capelinha, e não pode ser, tem de ser precisamente o contrário, ou seja nós temos que valorizar aquilo o que é de excelência e expressivo, como disse o sr. Director e bem, no sentido de fazer estas valorizações, o museu do vinho tem as componentes, tem, mas se calhar noutra local qualquer terá outra componente de excelência que vai por o vinho de lado, não pode, o vinho tem que lá estar também, porque essa é uma realidade permanente em todo o território, e eu penso que é por aqui que nós deveremos trabalhar para a construção de um verdadeiro programa museológico a este nível.

Finalmente, e muito importante, tem a ver com o Arquivo, o Arquivo da Real Companhia, é um problema, a gente não deve escamotear as coisas, é um problema porque o sr. Director disse, e muito bem, estamos online, e em permanente ligação, e vamos resolver uma questão que é do ponto de vista funcional é resolvida, mas não do ponto de vista legal. Nós não nos podemos esquecer que a lei que cria o Museu do Douro diz claramente num dos seus artigos, estou a citar de cor porque não conheço, o Arquivo da Real Companhia Velha deverá ser incorporado no Museu da Região do Douro, isto levanta-nos um problema terrível, que foi sempre analisado mesmo no âmbito da Comissão Instaladora, por causa das dificuldades que existe em operacionalizar esta realidade. Em todo o caso, o Sr. Director do Museu da Região do Douro disse e bem, nós temos na estrutura material da sede uma área generosa para receber um conjunto documental e arquivístico que será de excelência, fazendo aquilo que deve ser feito, uma selecção criteriosa de todo o património documental e arquivístico da região que não está integrado nos grandes arquivos a que já se fizeram referência e ver até que ponto e em que circunstâncias podemos receber esse conjunto notabilíssimo para pôr à disposição de todos os estudiosos, dos investigadores e todos os que querem conhecer melhor esta região.

Silva Fernandes, tenho de pedir desculpa por falar nesta Assembleia, porque sou abstémio, portanto parece que não faz sentido que um abstémio venha aqui discutir questões de um museu do vinho. Mas para mim o importante não é propriamente o vinho, o importante é que se faça não só bem, mas que se faça melhor, que se faça um museu que não seja agarrado realmente a situações, posso concordar ou discordar do Eng. Valter, ou concordar e discordar com a Prof. Maria de Lurdes, para mim o museu pode ser construído de raiz, um edifício moderno, e esse edifício pode constituir um pólo de atracção também para a região, seja ele bem feito e seja um projecto feliz.

Para mim, reteria daquilo que tudo ouvi, e concordo com quase tudo, reteria duas ou três ideias que em deixaram sensível a esta problemática, a primeira é de que: museu lucrativo, loja de felicidade; eu acho que não é possível pensar-se de outra maneira, já temos estruturas a mais que não são rentáveis e que todos temos de pagar. Portanto a primeira ideia para mim é que o museu seja lucrativo e rentável.

Que ele se transforme num espaço pedagógico, sem dúvida alguma, que tenha um restaurante, não concebo nenhum museu moderno sem restaurante, e fundamentalmente que congregue o desenvolvimento da região e a melhoria das condições das populações; acho que nos devíamos concentrar nisto para depois avançar para a frente. Não há dúvida nenhuma de que o sr. Arquitecto Maia Pinto e a sua equipa, e o senhor presidente como líderes vão ter uma tarefa tão grande como a da construção do património que demorou centenas de anos, para isso lá estará a boa vontade e as pessoas que o ajudam. Terminaria por dizer, que valeria a pena não esquecer que S. João da Pesqueira é geminado com Vila Nova de Gaia e o rio Douro passa em S. João da Pesqueira numa grande extensão e chega a Gaia, e o vinho também fez esse percurso, esta nota parece-me que seria de registar em termos de construção do novo museu.

Manuel Igreja (Jornalista), intervenho unicamente para fazer um apelo, que não será necessário se calhar, mas em todo o caso faço, é para que existe memória dos instrumentos que o Prof. Jorge referiu, o lagar, a adegas, a prensa e outros, fique o registo do Homem porque penso que é o registo mais importante nisto tudo, o Homem que com o esforço terrível construiu, interagiu com a paisagem e fez a paisagem que nós hoje conhecemos e que está ao fim e ao cabo por detrás disto tudo. O registo do homem que durante 250 anos construiu o Douro.

Fernando Vaz, vou ser muito rápido e breve, falou-se em muitas personalidades antigas e esqueceu-se de se falar no Marquês de Pombal. Não concordo que o Museu seja nos Casais do Douro, por motivos óbvios que deve ser aqui no concelho. Além disso, propunha aqui, não sei qual será a continuidade disto, era o seguinte: aqui em S. João da Pesqueira existe uma casa que era um antigo convento, onde esteve o Marquês de Pombal (...). O padre Camilo que era ligado também ao vinho. Além disso como temos retratado o museu que é parte antiga e parte moderna, (...) o Marquês de Pombal, agora vou dar uma no cravo outra na ferradura, ele foi um copiadador porque copiou os romanos, e há certos vestígios e podia-se explorar isso para o museu e não era começar em 1700 e tal, ou mais tarde.

Ana Filipa Correia (Casa Museu Adriano Ramos Pinto), eu tenho o prazer de estar aqui à tarde para participar neste debate, maquiavelicamente gostava de ouvir Eng. Cristiano Van Zeller dizer enquanto produtor de que forma é que lhe parece que os produtores podem contribuir para a criação deste museu?

Eng. Cristiano Van Zeller, eu gosto das provocações, vou um bocadinho atrás. Sempre que eu começo uma palestra sobre vinho, ou quando algum infeliz me pede para dizer qualquer coisa sobre o vinho, tem a infelicidade de me ouvir. Eu começo por dizer que o vinho não pode ser entendido sem as pessoas e sem a comida. O vinho por si não faz sentido, neste caso o museu é um bocado a mesma coisa, o museu do território não pode ser entendido sem as pessoas e sem aquilo que as leva a viver neste território, aquilo que lhe dá alimento, neste caso o vinho. E portanto, o museu tem duas valências importantíssimas, uma é formativa e outra informativa, a formativa, aqui

vou ao público-alvo que se falou há um bocado, é para o interior, tem a sua importância e a informativo para o exterior. O nosso público-alvo é um público que nós queremos formar, queremos agregar, que é o público que vive, somos nós dentro da região, se queremos agregar e queremos trazer cá gente para se estabelecer e queremos sobretudo informar, porque nós estamos virados para o exterior e é essa valência mais importante do museu enquanto museu do território.

Como é nós produtores podemos promover, ajudar e contribuir para este museu? O museu é um instrumento de preservação da memória mas é sobretudo, e tem que ser sobretudo um instrumento de promoção da sua região e economia e portanto, nesse sentido, nós os produtores fazemos parte dos elos de uma cadeia, de uma corrente. Estava aqui a ouvir o Dr. Agostinho Ribeiro a falar sobre o sistema polinuclear e, estava a lembrar-me da corrente que eu tenho da minha cadela de caça, com os elos interligados, ou daquela velha teoria dos conjuntos da matemática; (...) velha porque eu quando comecei a matemática no ciclo preparatório a teoria dos conjuntos, em que todos os conjuntos se interligavam e tinham uma área comum. Todos estes núcleos, sistemas polinucleados estão interligados e não podem ser exclusivistas, isso é fundamental. Aí entramos nós, fazemos parte dessa cadeia, e como parte dessa cadeia é fundamental que o museu não seja um local, ou os pólos museológicos, não sejam um local específico, único e exclusivo onde as pessoas vão e ficam, mas sejam um pólo irradiante donde as pessoas partem para a descoberta, partem para a descoberta visual e intelectual no local onde está esse centro, mas para a descoberta, fisicamente, nos locais da região. O que é que pretendemos quando atraímos o nosso público-alvo? O nosso público-alvo são as pessoas de fora, é a parte informativa do museu, que é isso que nos vai fazer desenvolver, porque se andarmos sempre a comer cá dentro, a certa altura comemos tudo o que existe e depois não sobra nada. Nós queremos que eles fiquem, portanto temos que os atrair para cá com tempo. Aquela velha questão que se está sempre a pôr ao turismo é quantas noites o turista consome na região, 1,4 ou 1,5, não percebo como se consome uma 1,5 noites, escapuliu-se às quatro da manhã para não pagar a conta, é um bocado complicado. Mas nós queremos trazer as pessoas para dentro da região, queremos que as pessoas cá fiquem, para isso o museu tem de ser ou os seus núcleos principais têm de ser pólos irradiantes e onde estão os locais para onde as pessoas têm que ir connosco; connosco produtores que temos algo para mostrar, não só os produtos mas a forma como são feitos, produzidos; porque o museu ou centro museológico pode ser um acervo, e pode ser em algumas circunstâncias, um acervo de peças que não são usadas, mas aquilo que foi uma ideia aqui referida à bocado e muito importante, há um património que está espalhado por todo o Douro, um lugar de xisto, isto não pode ser transportado, não deve ser transportado do seu local, mas deve ser possível desenvolver num determinado local e ser um pólo visitável, e aí já estamos a fazer a malta gastar mais uns quilómetros, depois nesse sítio se calhar há mais um café, um restaurante, uma coisa qualquer, há mais qualquer coisa que atraía as pessoas, há uma paisagem diferente e aí entramos nós.

O meu robot que tem dois anos e está nos lagares e que foi desenhado, e demorou dez anos a ser desenhado, faz parte da história de hoje e da história do futuro, faz parte do museu e tem de ser visitado lá e não vai ser visitado numa casa.

É muito importante participarmos dessa maneira e isso ser feito com qualidade. Aqui há também uma preocupação, eu acho que deve haver uma preocupação da qualidade e da excelência, não pode ser isto feito de uma forma abstracta e porque alguém age e mete 5 litros de vinho numa

garrafa já faz parte do pólo museológico e desse acervo; isto tem de ser feito, tem de haver um critério que se estabeleça quanto isto. Basicamente era o que eu queria dizer. Só queria dizer mais uma coisa, em termos de locais e de aproveitamento de locais há coisas tão feias e tão mal construídas aqui na região também, aquele edifício velhíssimo e também horroroso da adega de Ventozelo que está agora disponível em termos de terreno, não pode ser um pólo onde se desenvolve qualquer coisa, em relação, aquilo que, estamos aqui a falar, é arrasar aquilo tudo e fazer de novo; como é evidente, mas o local é tão bonito, não pode ser aí o sítio para fazer qualquer coisa?

Não sei se respondi à sua provocação.

Presidente da câmara de S. João da Pesqueira (moderador) Em relação aquilo que propõe só temos uma condição, desde que o Museu do Douro nos adquirisse aquilo.

Preciosa Frederico, não desprestigiando a opinião do enólogo Valter, de quem sou muita amiga, e também não desprestigiando, a aldeia dos Casais, que é uma aldeia típica, interessante, histórica, eu deixava aqui a minha opinião, e também o apelo para que realmente o núcleo museológico fosse instalado aqui em S. João da Pesqueira, acho mais viável para o turismo, para quem nos visita, talvez com mais facilidades, porque há restaurantes, há cafés, portanto seria uma mais-valia para a nossa terra. Muito obrigada.

Participante não identificado, só um pequeno comentário a algumas coisas que foram aqui ditas, uma das preocupações é que os museus não podem dizer todos a mesma coisa, senão o público tem aquela sensação quem viu um já viu outro, aqui há um grande espaço para a criatividade, pois é evidente quando se define que para a Pesqueira o tema museológico é o vinho, é evidente que a própria Pesqueira vai perder alguma coisa com isso, é evidente que tem muitas outras valências, mas perde qualquer coisa assumidamente, quer dizer que vai potencializar um produto que também existe noutras regiões, noutras terras etc. e vai ter que fazer com que o seu núcleo museológico não seja igual aos outros, que seja dentro dos padrões de excelência, qualidade e criatividade, tem que ser algo diferente. Outra questão é em relação há um bocado, eu só falei na questão do Forrester e do Marquês de Soveral porque, enfim, a D. Antónia tem muito bem quem a defenda, tem uma excelente biografia muito referida, mas às vezes há o perigo de quando se potencializa o Marquês de Pombal, a D. Antónia etc. esquecer outras figuras; as outras D. Antónias que também houve no Douro e têm o azar de ainda não ter uma boa biografia, de não se falar muito delas, quem diz as Donas Antónias diz as personagens masculinas, enfim, desculpem falar de uma questão pessoal, já tive a sorte de me ter debruçado sobre duas personalidades fascinantes do Douro, que foi recentemente o Marquês de Soveral e um homem que a Régua nunca pegou nele que é o Joaquim Máximo Vigianço (...), um homem que escreveu “coisas” muito curiosas, documentação do que é o vinho no período pós-pombalino, o vinho do Porto que chegou aos nossos dias como o conhecemos, este homem escreveu muito sobre isso. Há outras personalidades no Douro, obviamente o Barão de Forrester vai ser muito bem divulgado pelo Museu do Douro, mas obviamente que ele está intimamente ligado à Pesqueira, depois há personagens que estão mais ligadas a umas terras do que a outras, evidente o Barão de Forrester podemos dizer até pelo seu mapa está ligado desde a barra do Douro até à fronteira.

Agradeço muito essa referência à geminação, não a fiz eu, porque não queria exactamente entrar em particularismos, regionalistas, agradeço a referência à geminação de Pesqueira com Vila Nova de Gaia e ao rio Douro que aqui passa, que é uma realidade.

A necessidade de investigação histórica, mesmo centenária, da gastronomia é também importante dado que há algumas coisas que passam por ser tradições de algumas terras que são muito recentes, quando se deixaram cair, porque a vida muda, as condições de produção mudam, as condições de consumo mudam etc....; quando se deixaram cair algumas coisas em algumas terras, houve a necessidade de inventar umas tradições e então algumas são realmente com menos de 100 anos ou coisas relativamente recentes, portanto há já alguma coisa publicada, permitam-me que também fale do GEHVID com a revista Douro, estudos e documentos, há já alguns estudos publicados, nomeadamente sobre a gastronomia da região do Douro, porque valeria a pena ver, é uma área em que começa a aparecer historiadores a descobrirem as coisas muitíssimo boas que o Douro sempre teve e algumas das quais caíram em esquecimento e que importava reavivar.

Padre Amadeu – terminava, é breve, era só para fazer referência, porque se calhar fui mal interpretado quando disse “um edifício moderno”, nós sabemos que a história é caracterizada por marcas próprias, na minha opinião ao lançar este desafio é que este edifício não seja mais, desculpem a expressão, mais um mamarracho no Douro, seja marcante na época, na história, que o museu não seja retratar a vida do Douro, para isso e desculpem também a simplicidade ou a vaidade do Museu de Trevões, já retrata isso; não podemos fazer um museu do vinho em que vamos expor uma peça, pode fazer parte do espólio, mas na minha opinião, já debati isso com alguém, nomeadamente no Museu do Douro e com o Sr. Presidente da Câmara, tem que ser algo inovador, atractivo, marcante, se nós queremos ver isso, convidava-os a visitar o Museu de Trevões que está feito numa simplicidade tremenda mas que retrata o que é a vida no Douro, as peças, os trajes e isso já temos, desculpem a expressão, “essas lojas, essas tascas por aí”, vamos fazer aqui na Pesqueira, o objectivo deste debate, algo marcante, algo que seja marcante para o mundo e não só para nós.

Eng. Ricardo Magalhães (Estrutura de Missão)

Felicitava na pessoa do Sr. Presidente da Câmara e do Arquitecto Fernando Maia Pinto esta iniciativa que é de todo pertinente, porque é de todo pertinente? Já se adivinha na linha do horizonte a entrada de funcionamento do Museu do Douro na Régua e portanto faz todo o sentido começar a discutir a outra escala, e nós hoje estamos aqui a discutir um projecto estruturante, um projecto de desenvolvimento regional; não estamos a discutir projectos locais, municipais. Esta é a primeira nota.

O que aqui nos traz, durante a manhã e tarde, é do meu ponto de vista uma questão estratégica, nós estamos a discutir instrumentos, espaços que reforcem o carácter identitário desta região, porque de futuro quanto mais claro for este carácter identitário da paisagem produtiva, social e cultural, seguramente o futuro passa por aí e portanto, não posso estar mais de acordo com esta reflexão que aqui nos juntou, mas este projecto que é estruturante, que ouvimos hoje falar várias vezes em rede, rede não é um somatório, rede e somatório são coisas completamente diferentes, rede significa interacção, significa fluxos, significa troca, significa puzzle, rede não é fazer réplicas, rede é somar, são sinergias, e portanto é absolutamente indispensável, acho que, estou a pensar em voz alto e arrisco-me a dizer asneiras, mas também perdoem-me, o grande desafio, porque há

um núcleo na Régua e depois não há onze “*museuzinhos*”, se é para isso é melhor estar quieto, o desafio que não é pequeno é encontrar uma saída virtuosa entre o que é denominador comum e o que é específico, e encontrar uma forma virtuosa de combinar. Porque obviamente, eu acho, estou a especular, nos onze núcleos há-de haver uma base de denominador que dá coerência ao projecto comum e depois há um específico, e não é fácil combinar isto virtuosamente, mas é absolutamente necessário para que o projecto nasça bem, e eu queria dizer isto a *bold*, **este projecto tem que nascer bem**, há um ditado que torto nasce dificilmente se endireita, e portanto temos que nos esforçar todos para que o projecto nasça bem; terá que ser mobilizador e envolvente, mas envolvente nós já cá estamos, já estamos envolvidos, é preciso envolver as escolas, é preciso envolver outras unidades museológicas, estou a ver ali o Dr. Agostinho; o cidadão comum, digamos assim, com outros mecanismos seguramente, mas temos que alargar a base de apoio, vai ser um espaço seguramente de conhecimento, de competências, de também economia; nós temos ideia que um museu gera emprego, gera receitas, eu vou discutir se têm que dar lucro ou não, tem é de ser sustentável, e a sustentabilidade não tem que dizer lucro, atenção, são coisas diferentes, tem que ser sustentável, mas também não pode ser exterior ao tecido económico, o museu não é uma ilha, uma ilhota que faz parte de um arquipélago, não fica fora da economia, agora temos é que ver como entra e beneficia da economia.

Não sei quem usou esta imagem, mas não se pode musealizar tudo, porque então era musealizar as minhas 24 horas, e isso não faz sentido.

A última nota que gostava de dar, são duas, a primeira é que não se deixe para mais tarde o estudo, o apuramento do modelo de gestão. Normalmente deixa-se isso para o último dia, e às vezes casos só para o *day after*, é depois inaugurado, mas isso já é tarde; a gestão é muito importante, muito se ganhar e muito se perde conforme o modelo de gestão; não deixem para mais tarde, ou não deixemos, deixem-me falar no plural, para mais tarde esse esclarecimento que é vital do meu ponto de vista, esse modelo que não é para um ano ou não é para dois, é seguramente para um horizonte mais vasto. (também) para além das preocupações de sustentabilidade, terá de ser um modelo de gestão que dê corpo a quase tudo o que foi aqui dito durante a manhã, tem de ser um espaço vivo, tem que ser um espaço, eu diria de troca, de interacção, que retrate a paisagem, mas evidentemente que nós, volto ao princípio, e digo isto sem qualquer pomposidade, nós estamos a trabalhar num projecto de desenvolvimento regional, isto é que cobre toda a região vinhateira, digam-me lá quantos projectos há com esta escala, com esta envolvente neste momento, digam-me lá quantos há sobretudo na área da cultura. E mãos à obra e que seja para breve a abertura deste núcleo. Muito obrigado e felicidades.

Mesa Redonda 2

Fernando Maia Pinto (Director do Museu do Douro e moderador da mesa)

Cumprirmos algum tempo, cumprirmos algumas metas e objectivos que foram traçados hoje de manhã, e sem abusar das pessoas e em termos de tempo e compromissos. Eu em primeiro lugar daria a palavra ao Eng. Jorge Dias e ao Eng. Fernando Bianchi de Aguiar que têm compromissos que os levam a sair mais cedo desta mesa redonda, deste ponto de reflexão sobre o que deve ser um pólo do Museu do Douro, e se de manhã foi muito rico em definição de um modelo museológico

para este pólo e realmente deu-nos bastantes pistas. Eu gostava nesta parte da tarde pôr muito abertamente a questão, e é extremamente interessante para o Museu do Douro poder prosseguir os seus objectivos, que é o seguinte e que já foi apontada de manhã, nós temos um museu do território, temos o Museu do Douro, temos os núcleos, temos um museu polinucleado com os seus núcleos e não vamos replicar a imagem do Museu do Douro, ou a figura do Museu do Douro, em todos os concelhos do Douro, nós temos é que, sublinho, criar pólos de excelência, núcleos de excelência nos diversos concelhos que integram a Região Demarcada, não vamos fazer um mini ou médio Museu do Douro aqui em S. João da Pesqueira, não, vamos fazer um pólo do vinho excelente, vamos fazer um pólo museológico de vinho que esteja pelo menos ao nível da qualidade e ao nível do que o vinho do Douro e do Porto representam no mundo. Portanto tem que ter a consonância com o património da humanidade em que está inserido, tem que ter em consonância com toda a fama que o Vinho do Porto tem em todo o mundo. Portanto não podemos baixar o nível da questão, não podemos aligeirar as responsabilidades do que está em presença, porque se nós fizermos um museu, um núcleo do museu abaixo dos pergaminhos do museu estamos a fazer um mau serviço ponto final, e um mau serviço ao Vinho do Porto, um mau serviço à região, um mau serviço ao vinho do Douro, portanto temos que fazer um serviço ao mesmo nível, não digo superior. Mas pelo mesmo ao mesmo nível e isso já é um objectivo altíssimo, isso é pôr a fasquia muito, muito alto e pronto assumimos essa responsabilidade, e é por isso é que começamos a fazer este debate inicial antes de fazermos qualquer proposta museológica, lançarmos qualquer ideia sobre o que deve ser o núcleo do museu do vinho. E nesta primeira auscultação sobre o que deve ser o núcleo museu do vinho gostávamos de saber o que os produtores, os durienses, as pessoas que estão ligadas desde sempre ao comércio e à produção do Vinho do Porto querem do museu, o que deve ser um museu de Vinho do Porto, o que deve ser um museu de vinho do Douro. Ouvimos hoje de manhã, desde as exposições etnográficas, desde as exposições que apontavam para determinados caminhos etnográficos sobre a vida do Douro, apontaram também sobre a documentação e o estudo e os arquivos, muito bem, mas isso temos, obviamente, outros processos de fazer esse tratamento dessa documentação. Tratamos também hoje de manhã da ligação às quintas, que é fundamental, e que como se faz essa ligação às quintas e às empresas. Mas isso são pequenos satélites de uma coisa que vai ser central, que é o museu do vinho que pertence a um guarda-chuva mais alargado que é o Museu do Douro. Era isto que eu gostava hoje de centrar desta parte da tarde, dizer o que estes ilustres compadres de mesa, ou amigos da mesa, o que é este painel tem a dizer, o que querem mantendo essa qualidade, essa honra que o Vinho do Porto, Douro nos merece. E remeter também para outra coisa, eu na qualidade de arquitecto, que leve S. João da Pesqueira a ser um lugar, porquê S. João da Pesqueira; na minha óptica é uma, na óptica do senhor Presidente é outra, porque é o Presidente da autarquia e quer para o seu concelho o melhor.

O Museu do Douro aceita esse melhor, acrescento na qualidade de arquitecto que um espaço urbano excelente. Portanto um núcleo urbano, um todo construído que permite criar aqui em S. João da Pesqueira a excelência do espaço urbano com a excelência do Vinho do Porto que o representa. A Régua não tem esse espaço, Lamego com certeza que teria, Foz Côa não tem com certeza, Alijó não tem com certeza, Provesende é pequeno demais para, S. João da Pesqueira tem um espaço urbano e um espaço construído muito interessante e permite fazer uma coisa que é criar um de dois em um, que é a recuperação urbana, a recuperação do espaço patrimonial

conjuntamente com a celebração do vinho que lhe deu essa riqueza e que realmente S. João da Pesqueira é assim por causa do vinho, não é por causa nem do sumagre, nem do mel, é por causa do vinho que S. João da Pesqueira tem o que tem.

Vou passar a palavra ao Eng. Jorge Dias.

Eng. Jorge Dias (IVDP)

Muito obrigada Arquitecto Maia Pinto, senhor Presidente de S. João da Pesqueira, caros confrades da mesa, caros amigos.

Queria começar por agradecer ao Museu do Douro esta oportunidade de participar nesta mesa redonda porque isto são sempre desafios, não é de todo, nenhum de nós, que está aqui na mesa, no nosso dia-a-dia reflectir sobre estas coisas da museologia, mesmo que ligada ao vinho e temos talvez a vantagem de não ter qualquer ideia pré-concebida, como percebi agora de diferentes interpretações que pode haver do que pode ser este núcleo museológico, nem tão pouco sabia da notícia que saiu ontem no Público e anunciava este conjunto de núcleos temáticos para o Museu do Douro, do pão, da electricidade, da amêndoa, do arrais, da cereja etc.

Passando ao que interessa, enfim, na pesquisa que tive oportunidade de fazer na internet acerca dos museus do vinho em Portugal, a primeira coisa que nos aparece é a página do Instituto do Vinha e do Vinho, do IVV, com algumas referências históricas acerca da importância do vinho na nossa civilização e da herança culturais e patrimoniais que possuímos que remontam a uma época muito antiga, anterior à fundação da nacionalidade, naturalmente; onde aparecem as ferramentas e o material necessário para a viticultura, as aldeias, as casas, e até a própria paisagem moldada pelo cultivo da vinha e portanto torna-se necessária a sua preservação, é assim que é definido o papel dos museus do vinho em Portugal.

Eu sem querer atrever no campo da museologia, ainda por cima com algumas das pessoas que estão aqui nesta plateia, atrevo-me e peço desculpa se firo a sensibilidade de alguém, atrevo-me a dizer que a maioria de museus e núcleos museológicos do vinho em Portugal, e contei mais de 24, na pesquisa que fiz, contei-os agora lá em baixo, e estão 23 painéis; tem uma cultura material, colecionam peças relacionadas com o vinho e a vinha ao longo do tempo, mais ou menos bem expostas e explicadas aos visitantes, muito longe portanto de poderem constituir um foco de desenvolvimento regional conforme o tema que nos é proposto no texto de apresentação deste encontro. Ou seja, os museus do vinho tradicionais poderão considerar-se no máximo recursos turísticos, mais ou menos qualificados como qualquer outro museu tradicional que na maior parte das vezes se visita uma vez e não se volta mais. Parece-me todavia que este paradigma está a mudar e porquê? Nas conclusões do I Congresso Ibérico dos Museus do Vinho que se realizou este ano no Cartaxo e sei que esteve cá ontem o Director do Museu do Vinho do Cartaxo. Percebemos a preocupação de abrir os museus ao grande público, estudar arquitecturas comuns e garantir uma maior interacção entre o vinho e a cultura através do turismo e enoturismo, sublinho aqui estas duas últimas palavras. Segundo António Nabais, Director do Museu do Cartaxo, o maior desafio é estar perto do público e das populações, tem de dar resposta às suas preocupações e não estar fechados entre quatro paredes, irem ao território, às quintas, promover o que existe no concelho ajudá-las a abrir as portas no campo do turismo. Ora eu identifiquei as conclusões deste primeiro encontro com o movimento da chamada Nova Museologia, inspirada na Declaração de Santiago do

Chile de 1972, que se caracteriza pela interdisciplinaridade onde os conceitos de meio e contexto são essenciais. Esta nova museologia utiliza métodos e práticas baseadas no envolvimento das populações, estruturas abertas e descentralizadas correspondentes ao território e visa garantir o desenvolvimento sustentável desses territórios e dos seus habitantes através da promoção do seu património e da ou das identidades locais, conforme dispõe o artigo 1º do regulamento do movimento internacional para uma Nova Museologia e que aliás acho que está muito bem retratado neste esquema que nos é proposto por **Vilem** sobre o que é a durabilidade, sustentabilidade a interacção entre o que é social, entre a ecologia e a economia.

Tenho pois de prestar homenagem às pessoas que de certa forma, visionariamente, e refiro-me ao deputado António Martinho enquanto primeiro subscritor do projecto de lei de criação do Museu do Douro; à sua Comissão Instaladora constituída pela Dr.ª Laudemira de Jesus, pelo Prof. Dr. Bianchi de Aguiar e pelo Prof. Dr. Gaspar Martins Pereira, e à primeira estrutura do projecto do museu liderada pelo Prof. Martins Pereira; definiram para o Museu do Douro, para além das competências tradicionalmente consagradas para as instituições museológicas e das funções de Arquivo Histórico da viticultura duriense, um importante papel na divulgação da região e na acção cultural a desenvolver no território e fora dele, o que posiciona o Museu do Douro como uma estrutura transversal da Região Demarcada do Douro e instrumento privilegiado para a articulação e requalificação do tecido regional. Entre os princípios orientadores, então definidos, destaco de o Museu do Douro dever constituir-se como museu do território enquanto expressão da identidade cultural da região, museu da comunidade pois é expressão da identidade do Homem que construiu, constrói e mantém a paisagem desta região inscrita em 2001 pela Unesco na lista de Património Mundial e que produz um vinho de características mundialmente reconhecidas, sendo por isso também um museu do vinho.

Deixando de lado estas questões científicas da museologia, de arquivo histórico, de colecções e de artefactos ou coisas fantásticas que encontrei com o código da ética profissional do conselho internacional de museus, e lembrei-me da arquitectura característica que vimos o ano passado. Permitam-me que lhes leia um excerto da entrevista do presidente da Junta de freguesia de Vila Chã de Sá no concelho de Viseu: “Era uma lixeira agora é um ecomuseu, a estrutura foi construída pedra a pedra por artesãos e mão-de-obra locais, no espaço há representações de uma memória ligada à produção de bens colectivos, exemplos: o moinho de água, o lagar de azeite e de vinho, o forno comunitário, as plantações de árvores de fruto, o vinhedo, o poço de água com a cegonha, a cozinha, os instrumentos agrícolas; foi estimulante o desafio de transformar aquele espaço em algo positivo para a comunidade, em especial para as escolas que podem fazer visitas de estudo, ensinar as crianças como se fazia o pão, o azeite ou o vinho.

Este conceito de ecomuseu foi introduzido por um museólogo francês Hugues de Varine em 1971, que aliás trabalhou em Portugal, definido como centro museológico orientado para a identidade de um território, sustentado na participação cívica dos seus habitantes contribuindo para a melhoria da sua qualidade de vida e para o desenvolvimento da comunidade e assenta em três referenciais distintos:

1º lugar o território com os respectivos elementos ambientais, sociais e culturais e que definem o património local

2º lugar a comunidade, as instituições locais, as autarquias que tem por missão garantir a sustentabilidade do território e das suas populações

3º lugar o próprio museu

Não há um modelo de ecomuseu. Hugues de Varine é sobretudo um estado de espírito e uma abordagem que desencadeia um processo construído e enraizado no território. Contudo os ecomuseus que na origem foram concebidos como instrumentos de revitalização socioeconómica, de coesão das populações, sobretudo em áreas deprimidas, rapidamente se converteram num recurso cultura e sobretudo turístico ou enoturístico, e voltamos às conclusões do I Congresso de Museus do Vinho da Península Ibérica.

É evidente que este é naturalmente um terreno complexo e que suscita sempre alguma controvérsia entre as políticas do património cultural e as políticas do desenvolvimento económico, mas estou fortemente convicto que se podem construir lógicas de cumplicidade em que a gestão activa e responsável da paisagem cultural e do respectivo património construído podem contribuir para a sustentabilidade desse território.

Ora é isto mesmo que o Museu do Douro propunha enquanto museu do território, estabelecer na região uma rede integrada potenciadora das iniciativas locais, poder integrar museus públicos ou privados, quintas, sítios arqueológicos, monumentos, conjuntos construídos de valor histórico ou etnográfico, paisagens exemplares etc. Sendo ainda de considerar a inclusão de rotas de visitas, santuários, romarias, feiras cíclicas, festas, actividades de turismo rural, vindimas etc. Ou seja tudo aquilo até onde a imaginação nos levar. E nestes termos Sr. Presidente da Câmara de S. João da Pesqueira o seu município já tem 268 km² de museu, 34 km de frente ribeirinha e cerca de 8500 potenciais colaboradores, com montanhas a sul e a norte a imponência dos anfiteatros de xisto que sustentam as vinhas sobre o rio Douro conforme se pode ler, aliás, no sítio internet da autarquia e continua referindo que pela sua localização geográfica e pela sua História o concelho de S. João da Pesqueira é detentor de um vasto, diversificado e rico património natural, arqueológico e arquitectónico que fará as delícias dos turistas mais atentos; acrescentaria apenas que é necessário chamar a atenção desses mesmos turistas para estes recursos.

E neste levantamento que fiz, sobretudo com base no site da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, contabilizei mais de sessenta recursos turísticos, oito no sagrado, dez no património construído, oito na arqueologia, onze na gastronomia, como o bolo negro de Soutelo do Douro, as bôlas de carne e de azeite, o mel de Vilarouco, o pão da Pesqueira cozido nos fornos de lenha; três no artesanato, dez no turismo, festas, romarias, feiras e naturalmente e de uma forma incontornável a Vindouro; mais de setenta e cinco quintas com as tradicionais culturas mediterrânicas da região: a vinha, a oliveira, a amendoeira, a figueira; algumas das mais emblemáticas do Douro, Carvalhas, Ventozelo, Roriz, Vale, Mileu, Aciprestes, Castelinho, Cachão, Vargelas, Vesúvio e Arnozelo e só para citar aquelas que estão na frente ribeirinha do Douro.

Mas também cereais, produção de carne e de silvicultura nas cotas mais elevadas.

E por fim a maior percentagem de área inscrita no Alto Douro Vinhateiro com quase cerca vinte por cento do total, mas também uma enorme diversidade paisagística, já que é o único concelho da

Região Demarcada do Douro que abrange três unidades de paisagem: o Ceira - Távora, depois o Pinhão – Torto e por fim o Tua – Sabor e naturalmente o ex-líbris da Valeira e de S. Salvador do Mundo, mas também outros miradouros onde se pode apreciar a excelência da paisagem do Douro.

É evidente que tudo isto não passa de um conjunto de recursos turísticos, alguns dos quais certamente não estão acessíveis, outros degradados, outros ainda não sinalizados ou suficientemente explicados aos visitantes, mas o que é certo é que a oferta existe, importa apenas qualificá-la, organizá-la e explicá-la, e estamos a falar de mais de sessenta recursos turísticos neste momento. Parto naturalmente do pressuposto que a Administração Regional e Local e a população compreendem a necessidade de preservar e requalificar o território e criar as condições materiais para um desenvolvimento do enoturismo, e já falamos agora aqui do enoturismo, que mais não é do que uma experiência territorial que abarca quer os elementos materiais, e falamos das adegas, das enotecas, dos restaurantes, dos museus, ou seja os lugares e os objectos, mas sobretudo os imateriais, ou seja, aqueles que apenas se percebem quando se manifestam, quando se ouve uma história, a história daquele vinho, daquele lugar quando se prova o vinho, onde se prova a gastronomia, mais ou menos reinterpretada quando se ouve por exemplo um texto de Miguel Torga.

E se é relativamente fácil criar ou recriar os elementos materiais o mesmo não se pode dizer em relação aos imateriais, nestes exige-se autenticidade, constituindo mesmo a principal fonte de diferenciação de um destino enoturístico e que pode marcar indelevelmente quem nos visita, e essa, autenticidade, diz-se que não nos falta. De facto há uma nova procura mundial de aventureiros do gosto, que exige um produto compósito com experiências sensoriais, emocionais, cognitivas, físicas e sociais. Ou seja depois de se estabelecer uma relação funcional de confiança com quem nos visita, temos que estabelecer uma outra relação emocional através precisamente das experiências. Resulta pois que numa visão integrada do enoturismo tem que se envolver infra-estruturas, actividades de lazer, cultura local, património, gastronomia, quintas e adegas e, naturalmente o vinho.

Ora bom é esta complexidade da estruturação do enoturismo que talvez possa explicar alguma da desmobilização de pequenos e médios produtores que tinham falsas expectativas de rentabilidade das suas actividades enoturísticas, por exemplo inseridas nas rotas dos vinhos. Mas o que é facto é que a procura existe e está em crescimento acelerado e Portugal é a terceira preferência para quatro mercados, em termos de destino enoturístico: para França, Espanha, Itália e Holanda, Portugal é a terceira preferência nestes mercados.

E naturalmente penso eu que o Douro tem vantagens competitivas, e portanto a pergunta é então o que fazer para que o enoturismo no Douro e aqui entendido como a principal fonte de público para o projecto museológico de S. João da Pesqueira se assuma de facto como um pólo de desenvolvimento turístico do território.

O plano nacional de estratégia para o sector do turismo, o famoso PENTE, elegeu o vinho e a gastronomia como um dos dez produtos turísticos estratégicos para desenvolver e consolidar o sector em Portugal, apontando precisamente o Alentejo e o Douro como as regiões melhor situadas para se atingir esse propósito.

[E] a empresa que elaborou esse plano, a Turismo, a THR, assessores em Turismo, Hotelaria e Restauração analisa do ponto de vista do valor algumas das nossas debilidades, por um lado ainda temos uma frágil estruturação do cluster gastronomia e vinho, temos uma pequena dimensão das empresas que operam no mercado, pouca oferta de produtos ou experiências integrais, debilidades ao nível dos recursos humanos especializados, e um conjunto de *handicaps* que dificultam o desenvolvimento do sector como seja a questão da sinalização, do material promocional, mapas, desdobráveis etc. da qualidade de algumas instalações, da restauração de qualidade, sobretudo na proximidade das vinhas, do transporte organizado para se chegar as adegas, da insuficiência de alojamento, alojamento sobretudo com personalidade, da informação turística etc. E foram muito parecidas aliás com as debilidades a que chegou uma outra empresa que contratámos no âmbito de outro projecto, a Planet Consultans, quando fez uma análise sobre a oferta do Douro, embora aqui mais numa perspectiva de região vitícola património mundial.

E assim a empresa que colaborou na elaboração do plano estratégico nacional para o Turismo identificou um conjunto de requisitos básicos para se estar no mercado e um conjunto de requisitos chave, são aqueles que acrescentam valor e criam vantagens competitivas e necessárias ao êxito de qualquer projecto. E entre os requisitos básicos, que é quase como o metabolismo basal, sem o qual não se pode estar no mercado, não vale a pena estar no mercado, aponta-se a diversidade da gastronomia e vinhos regional, a diversidade de empresas envolvidas, adegas organizadas e adaptadas a visitas turísticas, restaurantes com oferta variada de gastronomia regional, boas condições de acesso, sinalização específica orientativa e informativa, oferta de alojamento variado e com qualidade e por fim recursos humanos especializados. E nos requisitos chave, aqueles que diferenciam e que acrescentam valor apontam: a variedade de actividades relacionadas com o vinho e a gastronomia, os centros de interpretação da paisagem com equipamento tecnológico, audioguia, multimédia valorizando as visitas; a adequada manutenção dos equipamentos e envolvente, o prestígio internacional dos produtos, isso felizmente temos; lojas especializadas em produtos do território e artesanato e profissionais com vocação para o cliente, capazes de o envolver.

Então que fazer? E respondendo ao desafio do Arquitecto Maia Pinto, que ideias para um museu, e aqui já lhe ponho as três letras antes, para um ecomuseu em S. João da Pesqueira. Conforme referi, desde logo, qualificar e organizar a oferta já existente, envolver a população e os empresários, sobretudo os proprietários das quintas para se disponibilizarem a abrir as portas das suas adegas e caves a uma crescente procura de novos consumidores, exigentes, que procuram cada vez mais comprar directamente aos produtores os bens produzidos nas suas terras, já que como refere o jornalista Hugh Johnson no seu prefácio do livro sobre as rotas dos vinhos de Bordéus, diz que um vinho apreciado na cave do produtor ou mesmo da região onde nasceu tem uma magia, uma intensidade, e um vigor que o tornam inesquecível; organizar percursos pedestres de interpretação da paisagem com diversas temáticas acompanhadas ou não; geologia em meio natural, S. João da Pesqueira tem notáveis exemplos nesse aspecto; ecossistemas e olhando para o Prof. José Ribeiro, Etnobotânica; ordenamento das vinhas, sistemas de instalação das vinhas, castas com a ajuda de totens e painéis explicativos. Mas também é necessário alargar a oferta, sobretudo numa perspectiva de envolvimento da população, proporcionando uma maior interacção entre os habitantes e os visitantes, e S. João da Pesqueira tem um excelente exemplo, naturalmente na Vindouro, mas que não pode ser, é apenas um exemplo, uma vez por ano. Nesse sentido não

faltarão certamente para a criação de uma pequena quinta, quase um quintal, pedagógico, onde possam colaborar desempregados, reformados em regime de voluntariado, onde os visitantes possam aprender a diferenciar castas de videiras, conhecer a variedade das frutas e legumes da época, das ervas aromáticas e comestíveis, e agora até das flores comestíveis, demonstrando aos visitantes como se produzem em modo de produção biológica, uma horta didáctica, mas também a criação de gado tradicional do concelho. Naturalmente que não pode ser esquecido um centro de recepção e de interpretação que pode e provavelmente deve ter um pequeno repositório de artefactos tradicionais das actividades do concelho e de preferência contextualizadas no seu ambiente natural, nada pior do que por exemplo colocar uma prensa de parafuso numa sala luxuosíssima assente num parquet de cambala, mas também um espaço multisensorial e lúdico que permita aos visitantes descobrir através de técnicas audiovisuais e cenográficas os elementos que justificaram a inscrição do Alto Douro Vinhateiro na lista do património mundial da UNESCO e os segredos do nascimento dos vinhos do Douro e Porto, elementos nucleares de todo este processo, sem os quais, bem como as pessoas que o produzem, nada disto do que eu disse até agora faria qualquer sentido.

Termino com um pequeno texto escrito por um jornalista espanhol sobre uma teoria neste momento muito em voga, mas que já remonta aos anos vinte do século passado; convidando-os depois a ver um pequenino vídeo de alguns segundos sobre um centro de acolhimento e interpretação de um Sindicato de Viticultores de Bordéus, e por fim uma proposta de redefinição do título inicial que dei a esta comunicação.

Fernando Maia Pinto (Director do Museu do Douro e moderador da mesa)

Estou comovido com esta apresentação porque o programa museológico está quase feito, não há muito a acrescentar e com os contributos de hoje de manhã e com este especial contributo, já o Sr. Presidente da Câmara poderá começar a comprar a casa, a fazer os acordos etc. Por outro lado também estou comovido por evocar o Steiner que é realmente uma personagem da filosofia, e do prazer, e da filosofia do prazer extremamente importante para o século XX e XXI, e que realmente, coloca toda esta problemática em sítios e num patamar muito elevado, o que torna muito mais difícil o cumprir o programa que está apontado por si nesta sua apresentação.

É cada vez maior a responsabilidade de pôr numa região esta excelência de propósitos que estão aqui enunciados e que nos deixa com uma tarefa às costas, um bocado difícil de dar uma resposta ao nível em que a fasquia está posta. Agradeço imenso esta sua comunicação, espero poder fazer parte de um roteiro, guia, um pequeno folheto que irá sair deste encontro, de ontem e hoje, lanço já não é o desafio, comprometo-me desde já a reunir já como documento preparatório deste núcleo, reunir estas intervenções e pedia que de uma forma organizada as fizessem chegar ao secretariado de maneira a podermos publicar o que foi dito, comunicado durante este dia. Muito bem já percebi o desafio e onde estamos metidos, e o que a região tem a dar.

Fernando Bianchi de Aguiar (Professor universitário)

Muito boa tarde, Sr. Presidente da Câmara, Arquitecto Maia Pinto, minhas senhoras e meus senhores, é difícil depois da intervenção do Eng. Jorge Dias acrescentar muito mais.

Devo dizer que não me preparei propriamente para uma intervenção como o Eng. Jorge Dias fez, como bom profissional que é em tudo o que faz e aqui demonstrou mais uma vez que levou a sério, totalmente a sério o desafio que lhe colocaram. Eu vim mais numa, não digo desportiva, vim de

propósito de Lisboa, trabalho ligeiramente longe do Douro, mas seja como for na expectativa de poder debater e contribuir no meu ponto de vista sobre o que como agrónomo, como professor, com certeza que condiciona a leitura que eu penso que poderá e deverá ser um museu, nomeadamente um museu do pólo museológico do Museu do Douro em S. João da Pesqueira com o tema central do vinho.

As minhas funções profissionais têm permitido visitar muitos museus deste tipo acompanhei dois de muito perto, Peñafiel, aqui próximo, o Museu de Haro; e qualquer um deles me tocou profundamente porque tem um objectivo pedagógico acima de tudo. E pedagógico que tem todo o sentido nesta região, ainda mais porque ela é uma região de uma excelência, que já foi aqui várias vezes referida, de excelência para além do impacto que tem sob o ponto de vista visual e para quem faz esta viagem, e eu que faço esta viagem tantas vezes, já fiz tantas vezes, vir de vila real até aqui, é profundamente esmagadora a paisagem que se vê, que se assiste, a diversidade há bocado o Eng. Jorge Dias fez referência, um aspecto importante, estamos habituados a caracterizar o Douro em Baixo Corgo, Cima Corgo, Douro Superior.

No trabalho que fizemos, um trabalho colectivo de várias pessoas que estão aqui presentes, recordo com alguma saudade o período de trabalho conjunto, em que de facto há unidades de paisagem diversificadas e S. João da Pesqueira como concelho que tem maior área de vinha, maior área dentro do Douro património mundial, tem aqui uma riqueza de bases excepcional.

Uma denominação de origem é o feliz encontro do homem com a natureza, mas esse feliz encontro tem de ser explicado, uma denominação de origem é de facto esta simbiose feliz, se o produto é bom, e no nosso caso não temos qualquer dúvida, neste fórum não precisamos de demonstrar. Ela tem de ser explicada, a dois níveis totalmente diferentes, uma delas é que os nossos filhos, os nossos amigos, e eu que trabalho em Lisboa tenho essa percepção, estão longe de perceber o que é este trabalho ciclope que foi a construção do Douro; aliás uma epopeia humana, a autoria desta frase não é minha é do Eng. Jorge Dias.

Uma epopeia humana para produzir um néctar, qualquer coisa extraordinário, as pessoas independentemente de ficarem maravilhadas com a paisagem, [mas] precisam de ser explicadas, precisam de compreender, aqueles que estão longe, que não acompanharam.

[E] o Património Mundial, Património da Humanidade teve essa vantagem, alertou para os portugueses para a existência de qualquer coisa de valor universal e excepcional, mas que era quase sempre desconhecido, e de facto essas pessoas precisam de ter uma ajuda para levarem uma recordação mais sólida e mais compreendida do que é o trabalho humano, este feliz encontro do Homem com a natureza. A natureza em si não podia ser mais agreste, o Douro, o declive, a pedregosidade, o clima, evidente com a presença do Homem na sua relação sábia com a natureza conseguiu tirar partido dessas condições, aparentemente, extraordinariamente adversas para fazer um produto excepcional, isto tem de ser explicado. E tem de ser explicado inclusivamente este museu vivo que é a paisagem do Douro, foi aqui também referido, desta evolução da intervenção do Homem na paisagem. Aliás o Douro foi classificado como Património da Humanidade como paisagem evolutiva e viva, mas a obra conjugada do Homem com a Natureza e portanto nem sequer não é um bem monumental, construído pelo Homem, exclusivamente, nem é um bem natural como era até 1992, a UNESCO classificava os bens inscritos nestas duas categorias e depois

criou a Paisagem Cultural, que é aquela que é resultado do trabalho do Homem; e repito isso tem que ser explicado, aqueles que visitam, tem que haver, foi dito aqui, o conceito de ecomuseu serve muito bem este objectivo, na necessidade das pessoas de terem um ponto de partida onde são minimamente esclarecidas para poderem sair outra vez com os olhos abertos, repito que é muito difícil uma pessoa espontaneamente conseguir compreender a diversidade das formas de armação do terreno: pré-filoxera, pós-filoxera, sistemas modernos de mecanização, as vinhas ao alto, o patamar. A pessoa tem a visão do conjunto mas não tem a visão do pormenor. Aliás é muito curioso porque o próprio viticultor quando planta a sua vinha vê a sua vinha não vê o conjunto. Aliás como nós dizíamos no texto da candidatura, a paisagem do Douro é uma obra de arte de autor anónimo, porque o agricultor não tem a percepção do todo ou muito menos a sua valia. O turista é ao contrário, só tem a percepção do todo e não tem a noção da valia e do detalhe e desta diversidade que são os elementos, o padrão da paisagem que lhe dá este valor universal excepcional, e portanto este é um dos destinatários importantes, são aqueles que nos visitam e precisam deste apoio para tirar total partido, interiorizarem de uma forma mais consistente e mais elaborada do que é a paisagem, a epopeia humana para produzir o néctar, é preciso conhecer o néctar também.

O segundo aspecto que me parece muito importante é a necessidade de o transmitirmos aos nossos filhos, e até pessoas que vivem aqui, o trabalho humano que está por detrás disto tudo.

Poucas pessoas se apercebem do volume de trabalho que está para trás, e eu repito, não estou a referir-me propriamente as pessoas que nos visitam, mas aqueles que vivem no país e que vivem na região e que de uma maneira sistemática têm abandonado o meio rural para irem viver para as cidades, na procura de um trabalho, primeiro que lhes dê mais dignidade, que lhe dê maior rendimento, e de facto aqui há uma pedagogia fundamental a fazer. Uma denominação de origem é uma obra de arte, é expressão da capacidade cultural de um povo, não tenho qualquer dúvida, mas também é preciso ser explicado, e sabemos que isso é um elemento da auto-estima das pessoas e portanto há aqui um trabalho que se tem que fazer localmente.

Devo dizer que um dos grandes entusiasmos que tivemos quando trabalhamos na candidatura do Alto Douro Vinhateiro, a Património da Humanidade, foi muito dar a conhecer o trabalho e a valia do trabalho e que isso pudesse contribuir para a auto-estima das pessoas. A auto-estima não chega, é preciso que as pessoas também tenham um trabalho diferenciado, sejam remuneradas suficiente para poderem se fixar na região, mas isso cria-se de facto, é um percurso que se faz na escola primária, nas escolas, e eu acho que o museu é uma estrutura destas e tem de ter obrigatoriamente essa função, que é a função pedagógica.

Achei curioso que o Eng. Jorge Dias mostrou algumas fotografias, talvez não tivessem reparado, mas por exemplo em Haro, a visita do Museu de Haro que é em Longroño, próximo de Longroño no centro do Rioja, como sabem é uma das grandes denominações de origem espanholas, é um percurso, num zig-zague que se sobe três andares onde se conhece o detalhe, porque a natureza que propicia este produto é uma natureza muito especial desde a rocha mãe, o trabalho de preparação da terra, o trabalho excepcional do homem de escolher as castas, a tal diferenciação que é necessária, mas isso também se aprende e eu tive esse privilégio de ter ainda a minha avó a viver aqui no Douro e passar aqui as minhas férias nos tonéis, ver as vindimas, ver o enxertador.

Mas a maior parte das pessoas não tem essa oportunidade, o enxertador porque já não há, hoje o enxerto pronto que se compra nos viveiristas resolvem o problema, mas omitem toda essa contribuição humana excepcional. E acho que o museu, um ecomuseu como o Eng. Jorge Dias, e isso partilho, totalmente, a leitura que ele faz, tem que ter obrigatoriamente essa função que é voltar sempre à raiz, como as coisas surgiram para nós podermos progressivamente dar mais valor ao que fizemos, ter estima, orgulho do que é o património do Douro, o Património da Humanidade, e as pessoas que aqui vivem sentirem dignificado o seu trabalho.

Eu devo dizer que é das coisas que mais me custa, desde muito miúdo associar muitas vezes o trabalho do agricultor, o lavrador e a forma pejorativa com que muitas vezes é utilizado. Porque de facto é uma forma de expressão cultural e é um conhecimento que a maior parte das pessoas não tem, e portanto não podemos colocá-los no mesmo tabuleiro e comparar lado a lado, e isso eu acho que é um papel muito importante, pedagógico, e que um núcleo museológico deste tipo podia fazer.

Um terceiro aspecto que me parece muito interessante tem a ver com o figurino institucional, desculpem agora esta imodéstia quase da minha parte, como sabem estive no Instituto de Vinho do Porto muitos anos, mas habituei-me a respeitar extraordinariamente o trabalho fantástico que foi feito pela organização institucional; reparem o vinho do Porto em 32, 33 criou um figurino de gestão, que foi pioneiro na Europa, aliás a origem das Comissões Interprofissionais em Champagne por exemplo, em Bordéus, em Borgogne são dessa altura, não são muito longe. Portugal foi pioneiro nisso.

Achei piada porque houve uma vez a Ordem dos Engenheiros pediu-me para ir testemunhar lá sobre os feitos dos engenheiros portugueses, e usei pouco a palavra, embora estivesse na Ordem dos Engenheiros, mas de facto fomos pioneiros em muitas coisas importantes. E este figurino institucional que ainda hoje prevalece e que é desejado, acho eu, continua a ser desejado, com toda aquela complexidade institucional, com a complexidade regulamentar, da lei do terço, qualquer coisa, é um valor excepcional que nós também sabemos, deveremos saber explicar, saber porque não é fácil explicar, quer dizer eu próprio conheço bem e quando tento explicar, não é fácil.

E portanto é outra faceta que me parece muito interessante porque o Douro tem para além da riqueza, da excelência do produto, da paisagem, da intervenção do Homem na natureza, também tem esse carácter pioneiro institucional. Evidente mais que ninguém, o Instituto do Vinho do Porto estaria interessado também em divulgar essa componente e tem-no feito também no seu âmbito.

Mas o museu, um pólo que trate do vinho não pode esquecer esta componente institucional excepcional que é aquela que deu origem à demarcação da região, 250 anos. É que não fomos só pioneiros no figurino institucional, porque reparem que o conceito inicial de 32,33 já tinham laivos de interprofissional, o Grémio de Exportadores, o Sindicato de Produtores e a presença do Estado sempre neste triângulo, pelo menos teve grandes virtualidades. Independentemente, reparem, Ele foi muito manietado, pelo espírito corporativo em Portugal, mas em França esteve na origem da organização interprofissional, aliás arranca-se também numa estrutura corporativa. E portanto acho que essa é outra componente que me parece muito interessante e que também contribui para, e repito, está permanente presente numa aposta destas, o carácter pioneiro da própria delimitação da região há 250 anos, no conceito da denominação de origem, a região foi delimitada.

E de facto esse é um valor que um veraneante que passe despercebido, que passe a região, não fica com isso.

E eu acho que de facto o Museu do Douro, quando pertenci com a Dr.^a Laudemira e com o Gaspar, fizemos parte da primeira Comissão Instaladora, reflectimos muito sobre a importância, na altura não era Património Mundial, nem estamos ainda longe de ter conseguido num período tão curto essa distinção, mas este reconhecimento essencialmente. O papel que o Museu do Douro tem para tornar Douro Património Mundial, qualquer coisa que seja perceptível por quem cá vive e por quem cá nos visita.

E há muito essa imagem que eu via para este pólo do museu, um museu aberto inserido no seu meio, um ponto de partida para as visitas dando capacidade às pessoas de abrirem os olhos e ter a informação necessária para nas deslocações que façam, tirar partido do que é perfeitamente disponível, público, e evidente com esforço de sinalização, esforço de requalificação estão disponíveis e é um bem colectivo.

Fernando Maia Pinto (Director do Museu do Douro e moderador da mesa)

(...) é engraçado porque esta discussão de Património Mundial, de como é que se gere, qual é o sistema de gestão que ainda não está, estamos todos, ainda não está definido.

Fernando Bianchi de Aguiar (Professor universitário)

Peço desculpa, está definido. Sei que Sr. Presidente da Câmara não tem uma responsabilidade directa nisso, o que nós temos, e isso lamento profundamente, há um compromisso público de todos os autarcas dos treze municípios que subscreveram a candidatura e perante a UNESCO assumimos um compromisso de ter uma forma de gestão que foi aceite, poder ser afinada, poder ser desenvolvida, mas ela foi pura e simplesmente ignorada.

Fernando Maia Pinto (Director do Museu do Douro e moderador da mesa)

Mas isso está dentro das preocupações que o museu do território tem, quer dizer, como funciona o museu do território se o próprio território não tem uma entidade com quem possa dialogar sobre a gestão desse território. Este é um aspecto dramático para um museu do território, dramático em termos de alteração da paisagem, em termos de definição dos espaços etc. E portanto isso é uma falha muitíssimo grave, neste quadro, neste puzzle que nós estamos a construir. Portanto é, suponho que será vital num muito curto prazo definir esse modelo de gestão associado ao Património da Humanidade.

Não é que o Museu reivindique para si essa tarefa. Se calhar não tem nada.

Fernando Bianchi de Aguiar (Professor universitário)

Pode ter o papel agregador. Só para terem uma ideia dou agora o exemplo: o nosso interlocutor foi sempre a Associação de Municípios de Trás-os-Montes e Alto Douro, como sabem. E de facto criou-se dentro desta associação um núcleo que reunia os treze municípios para tratarem ao nível dos seus municípios dos problemas comuns, numa estratégia comum. Aliás existe um plano intermunicipal de ordenamento do território que foi feita pela mesma equipa que fez a delimitação e que fez a proposta da candidatura, em que tinha por esse objectivo, no fundo termos uma linha mestra, uma trave comum relativamente à gestão do território, basicamente isto, com recomendações, aspectos muito importantes, que é a utilização pelo Homem da própria paisagem,

com a vantagem de estarmos na REN (reserva ecológica nacional) o que nos permitiu antecipar algumas medidas tomadas e eram interiorizadas possivelmente pelos municípios pela própria integração nos planos directores municipais, não vale entrar em muitos pormenores. Mas seja como for o museu pode ser, neste momento, em que se deixou de ter essa lógica conjunta, esse papel agregador porque tem uma visão do mesmo território.

Fernando Maia Pinto (Director do Museu do Douro e moderador da mesa)

Pode ser, não enjeita e gostava. Quer dizer além de não enjeitar, gostava que tivesse pelo menos uma palavra nesse conceito. Só me resta agradecer este valioso contributo que é extremamente útil para a definição do que vai ser o nosso pólo do vinho aqui em S. João da Pesqueira.

Ana Filipa Correia (Casa museu Ramos Pinto)

Eu já cá estive de manhã e tive oportunidade de ouvir todas as outras comunicações, e portanto de certeza que, para quem já cá estive eu também já não tenho nada de novo a dizer. De qualquer forma queria agradecer o convite, dizer que não estou aqui por mérito próprio, venho em representação, não em substituição, mas em representação do Eng. João Nicolau de Almeida que era quem devia estar aqui, mas que está em deslocação ao estrangeiro e portanto coube-me a mim vir cá, enfim, dizer qual é a nossa visão daquilo que deve ser ou que gostaríamos que fosse este museu do vinho aqui em S. João da Pesqueira.

De qualquer forma, resumindo, já resumindo um bocadinho aquilo tudo que ouvi esta manhã, aquilo que fomos dizendo e que já foi sendo conversado. Eu queria, enfim, mesmo em jeito de resumo, dizer o seguinte, portanto: concluímos que o Douro tem uma riqueza excepcional porque a vinha e o vinho dominam a paisagem numa grande parte do território, que a recolha, a conservação, a preservação e a interpretação dessa riqueza é indispensável para entendermos quem somos e que caminho devemos seguir no futuro.

O vinho é modelador da paisagem, também já o sabemos, modelador da paisagem natural à arquitectura, o vinho é cultura, também é uma forma de arte, é um modo de vida, dos costumes, das mentalidades etc.

Este museu percebemos, também em jeito de conclusão, que deve ser um museu criativo, vivo e dinâmico, deve interagir com a região e com as suas gentes, e que o seu programa museológico não deve esquecer grandes figuras do passado, do Douro, porque enfim, elas são fundamentais na sua história.

Este é um museu de território, também o percebemos, temático, que deve funcionar em rede, e que apesar de depender de uma superestrutura que será o Museu do Douro, deve valer por si próprio, fazendo sentido como um museu autónomo. E aqui eu gostava de dizer que da minha modesta experiência enquanto alguém que trabalha quase, diariamente, com um museu que é dedicado ao vinho, embora seja um museu de empresa, eu devo dizer que, e particularmente no caso da Ramos Pinto que é uma empresa, como certamente sabem, tem um património riquíssimo naquilo que diz respeito a tudo quanto rodeia o vinho, falo concretamente da publicidade, da história da própria empresa; eu queria dizer que dessa minha modesta experiência aquilo que consigo concluir é que o público que nos visita procura mais do que tudo o resto, saber sobre vinho, é sobre vinho que as pessoas querem saber e portanto sendo este um museu temático deve ser de

facto sobre vinho e aquilo que o rodeia, temos de lhe dar contexto, mas é sobre vinho aquilo que as pessoas querem informação. E portanto, se é verdade que não se pode musealizar tudo, como aqui também já foi dito, porque não se pretende um museu igual aos que já existem, até porque o Douro é diferente, também por isso é que é importante este encontro onde se debatem ideias.

Para nós, e agora falo na perspectiva que aqui me traz, que é a perspectiva dos produtores, para nós este museu cria-nos expectativas e portanto entendemos que, pelo menos na Ramos Pinto, entendemos que este museu deve ser uma casa comum, quer para os locais quer para os que não são locais, aqueles que estão aqui de passagem. Deve elevar o valor da cultural local, de quem faz o vinho e deve promover o orgulho daqueles que são, enfim, daqueles que são ao fim ao cabo daqui, e que são eles que fazem a marca Douro. Por outro lado deve ter na educação um propósito fundamental e deve ser um espaço de comunicação. Entendemos que deve ser um lugar onde se pergunta e onde se desfruta conhecimento, deve permitir experiências multissensoriais, como também aqui já foi dito, deve fazer descobrir aos novos visitantes a diversidade, o valor, a riqueza da colecção, entenda-se aqui o território, gente, cultura, vinho, enfim. Deve promover e desenvolver o interesse dos diversos públicos, incitando os visitantes a querer saber mais sobre o território, sobre o vinho que ao fim ao cabo é o tema que trata. Deve contribuir para que os diversos públicos usem este museu como local de encontro, portanto para que vivam este museu e deve contribuir acima de tudo para o desenvolvimento da região difundindo dela uma imagem positiva, portanto, deve tentar passar uma imagem positiva para fora.

Não posso deixar de tentar responder à pergunta que fiz esta manhã ao Eng. Cristiano Van Zeller, porque senão nem me ficaria bem, quando lhe perguntei como é que os produtores podem contribuir para este museu. O Eng. Cristiano Van Zeller respondeu como certamente ouviram, dizendo, uma coisa que eu concordo, concordamos obviamente com aquilo que ele disse, que é dizendo que as quintas tem um papel fundamental e devem servir como pólos de irradiação, as pessoas devem visitar o museu e depois seguir para as quintas, ir procurar mais informação às quintas. Concordo em absoluto, acho que sim, devemos constituir-nos como pólos de irradiação e fazer parte integrante deste museu, mas também me parece, aliás isto acontece no nosso próprio interesse como é evidente, quer dizer as quintas têm todo o interesse em ser também elas visitadas pelo público, mas também julgo que devemos ser nós produtores a ir ao museu e a fazer o caminho inverso, aproveitando o nosso potencial enquanto especialistas para ajudar na divulgação do museu e para promover o museu fazendo provas, cursos, palestras, lançamento de produtos, de vinhos, enfim. Portanto, não só do museu para o produtor mas do produtor para o museu. Basicamente em jeito de resumo era isto que eu tinha a dizer, e agora espero que o seguinte orador diga tudo o que eu não disse, fala muito melhor que eu.

Fernando Maia Pinto (Director do Museu do Douro e moderador da mesa)

Antes de passar ao Vito, como nós tratámos num tom coloquial, a palavra. Gostava de fazer uma declaração. Não é inocente ter convidado para esta mesa redonda a Ramos Pinto, quer seja através do João, quer seja através da Filipa, porque até ligando à intervenção do Eng. Jorge Dias a experiência de ecomuseu foi tentada e foi conseguida com muito êxito na quinta de Ervamoira, eu tenho a experiência pessoal do que é a colaboração e do que é o protocolo entre os interesses privados de uma firma de vinho e um modelo, e está ali também o nosso Guimarães também um dos nossos mentores daquele projecto que foi um caso feliz de relação institucional entre público e

privado, que sem grandes protocolos, sem grandes complicações, de uma maneira muito ligeira pôs de pé por um lado um parque arqueológico, que sem o apoio da Ramos Pinto tinha tido metade do impacto, e a Ramos Pinto não conseguia levar à Ermamoira também, se não tivesse por motor de arranque o próprio Estado que naquele caso colaborou. É um exemplo de que com pouco investimento material, pouco investimento humano mas de uma maneira descomplicada, de uma maneira simples se fez um projecto que tem um alcance, que ainda hoje está a de pé, e que tem um alcance mundial, posso dizer mundial porque teve mesmo, basta ver a lista de pessoas que passaram por Ermamoira, desde Presidentes da República que vão lá a visitas anónimas das mais variadas repúblicas, dos mais variados ministros de todo o mundo etc., que vão de uma maneira muito descomplexada, muito duriense, muito sem gravata, sem nada. E fazem uma propaganda e que têm um feedback inimaginável para o Douro, não é para aquela quinta, é para o Douro, é para os vinhedos do Douro, e isso é a experiência da Ramos Pinto nesta matéria é uma experiência que eu gostava de chamar à (...) para o Museu do Douro, que é um caso feliz de ligação entre o público e o privado, e portanto foi muito interessante saber o testemunho de uma empresa que está no terreno a construir um museu do Douro muito antes do Museu do Douro ter uma existência. E passava em jeito de *grand final* para (próximo orador).

Francisco Olazabal (Enólogo, Quinta do Vale Meão)

Muito obrigado para mim é fácil falar neste momento porque já praticamente foi mencionado tudo o que havia de importante sobre esta matéria. Eu começaria por referir talvez um pequeno detalhe, mas que a mim me impressionou imenso; eu hoje quando fiz o percurso desde o Porto até aqui, enfim, não é surpresa nenhuma, para mim, fiz milhares talvez não, mas centenas de vezes percursos semelhantes, mas vinha a pensar que deve ser difícil em qualquer sítio do mundo ter uma paisagem tão impressionante como a que se vê no Douro na altura do Outono. Impressiona ao mesmo tempo que algumas autarquias e suponho que também S. João da Pesqueira também, mas onde eu vivo que é Foz Côa põe o acento tónico na exibição das belezas do concelho, na amendoeira em flor, eu não tenho nada contra a amendoeira até parece que está incerto reviver um bocado o cultivo da amendoeira, mas não tem comparação nenhuma, quer dizer, isto é só para dar a ideia do potencial que ainda nós temos e está a vista de todos mas provavelmente não está a ser suficientemente explorado, a beleza da paisagem durante o Outono é algo que supera, quanto a mim, largamente a amendoeira, e além disso a amendoeira é uma planta caprichosa que tem tendência a dar flor na altura ou quando a festa já se fez ou ainda não se fez.

Para além disso temos um clima no Outono que normalmente é excelente, é uma das muitas coisas, mas de facto a sensação que eu tenho quando estou no Douro, apesar de ter setenta anos, é de espanto, de facto é verdade, há duas sensações que nós temos: uma é de espanto, outra é, como dizia o António Barreto no outro dia é verdade, de esforço, isto foi construído com um esforço colossal e continua a ser construído com esforço. Um esforço que apesar de tudo não é compreendido, não é suficientemente premiado direi eu.

Há portanto um potencial enorme, mas eu queria referir dois pontos que me parece que já foram focados aqui, mas que me parecem particularmente importantes, eu verifico, tenho uma experiência mais íntima com o Douro desde há dez anos a esta parte, sempre vim aqui, trabalhei sempre no Vinho do Porto, levo quarenta e tal anos de trabalho com o Vinho do Porto e vim muitas vezes aqui, mas só comecei a viver mesmo na quinta do Vale Meão há dez anos atrás. Eu acho que as pessoas, acho que existe uma espécie de pessimismo em relação a si próprio no Douro, as

peças, os locais e isto tem de ser feito com os locais, isto é, não é possível um plano que não mobilize também as gentes da terra, obviamente os autarcas estão mobilizados concerteza, mas é o filho, o que se chama o povo em geral. O povo não pode ser pessimista e isto passa pelas crianças, as crianças tem de ser, evidentemente que nós temos necessidade de qualificação, esta região sofreu imenso por muito dos seus melhores terem emigrado para várias partes, e isso é verdade, a qualidade, a qualificação das pessoas sofreu disso.

Mas nós precisámos da qualificação, não é apenas a qualificação profissional, das pessoas aprenderem melhor ou pior, é muito importante que a educação melhore e que seja orientada no sentido certo, mas há uma qualificação cultural que faz com que as pessoas gostem de viver na terra em que vivem que passa muito por lhe ser inculcado isso desde que estão na escola, eu tenho dois netos que fizeram todo o seu percurso escolar, estão a fazer, em Vila Nova de Foz Côa, aliás devo-vos dizer com bastante agrado, a qualidade é tão boa como na costa, mas talvez lhe falte essa, eles também têm uma perspectiva um bocadinho diferente, mas eu vejo que os miúdos não têm muito bem a noção muito bem do sítio onde vivem, estão absorvidos por aprender, não sei se aprendem a tabuada, se calhar não, mas aprendem outras coisas, mas não aprendem a estimar e compreender o sítio onde vivem; acho que o museu tem uma acção pedagógica em relação à população local que é importante também, não é só para atrair turistas, aliás uma coisa é complementar com a outra porque o museu desligado do sítio onde vive não funciona.

Portanto este é um aspecto que me parece, convém ser mencionado. Depois acho que há um outro aspecto que talvez aqui não tenha sido falado, que eu desconheço totalmente, mas que é o aspecto da sustentabilidade, isto é, obviamente que o que se pretende fazer em S. João da Pesqueira ou noutros sítios não é uma versão aligeirada do museu da Régua, não pode ser, e portanto tem de ter um atractivo que seja complementar, que não seja uma duplicação ou uma miniatura ou uma imitação daquilo que já existe em termos do que está permanente no museu. Porque isso não se aguenta no tempo, suponho que não se aguenta no tempo, portanto tem que ter uma actividade que seja dinâmica, e que seja permanente e que seja atraente para além de um simples acervo de peças expostas que não me parece que tenha garantias de ser muito atractivo.

Isto implica sustentabilidade, sustentabilidade implica entre outras coisas ter público, atrair pessoas, e acho que um dos problemas que existe no Douro neste momento é que por um lado temos um turismo fluvial, é uma realidade que todos sabemos, que se auto-alimenta, que não deixa nas margens nem um tusto; não sei se isso poderá ser modificado, se calhar pode, porque também é verdade que alguns turistas chegam a Vega del Terrón e vão no autocarro até Salamanca para ouvir umas espanholadas, se calhar também era possível com uma oferta de outras coisas, era possível talvez encontrar uma solução, mas de facto até agora não foi possível.

Por outro lado é muito certo, é muito interessante que haja turismo rural, de habitação etc., mas também é verdade que isso em termos de volume não vai garantir uma expansão muito grande, porque se houver mais vinte quintas com mais cinco quartos, são mais uns quartos, não é isso que vai alterar muito o panorama. Temos por outro lado no outro extremo do mercado dois ou três investimentos de grande luxo que espero que sejam rentáveis, oxalá não sejam um desastre para o Douro, que não fossem, mas que se dirigem a uma clientela que não é uma clientela muito numerosa, desde já está limitada pelo preço, parece-me que o que vai acontecer, e que espero que

aconteça com alguma rapidez é que haja algumas unidades hoteleiras de dimensão razoável, que sejam, que não estejam a desfear a paisagem em cima do rio, não é isso, mas que permitam que haja de facto uma oferta que seja um bocadinho mais alargada a classes sociais média alta, mas que não é propriamente aquela que os grandes investimentos que fizeram no Douro está agora a ser atraída.

Depois, porque isso põe o problema da sustentabilidade, não sei como é que isto tudo vai sustentar, quer dizer, existe a Fundação, como é que a Fundação vai sobreviver, quais são as receitas que se esperam, como é que tudo isto funciona, e eu peço desculpa de estar a chamar a atenção para um aspecto iminente material da coisa, mas de facto o pior que há é começar um projecto sem ter pelo menos uma projecção de saber como se paga a conta no fim do mês. Porque eu vejo nos jornais que há museus que fecham ao fim semana porque não têm dinheiro para pagar horas extraordinárias aos funcionários, museus de grande, instalados em centros urbanos. O panorama dos museus em Portugal é um panorama complicado e convinha que nós ao lançarmos esta iniciativa tivéssemos algum realismo para não ver mais um fracasso, há alguns fracassos no Douro, no meu concelho há uma estalagem que está lá no (...) aí há quinze anos e foi feita não se sabe bem para quê. Estes desastres diminuem a nossa auto-estima e portanto uma pergunta que eu gostaria de fazer, não trago nenhuma solução, a não ser o aplauso para aquilo tudo que foi dito e eu partilho, é que como é que isto depois se casa em termos de sustentabilidade económica porque me parece que sem isso não devemos, um fracasso nesse campo seria um fracasso muito grande para o Douro.

Eu queria agradecer este convite que me foi feito, ao senhor Presidente da Câmara e ao Fernando Maia Pinto, pedir desculpa da modéstia da minha intervenção e ao mesmo tempo dizer eu não tenho, se me permitem uma nota pessoal, até este momento não fiz absolutamente nada na área do enoturismo estou a pensar fazê-lo agora, eu tinha primeiro como prioridade consolidar uma coisa que partiu do zero há oito anos, mas me parece que é fundamental concerteza, me parece também acompanho inteiramente a ideia que a oferta do enoturismo tem que ser uma oferta que não é entrar, ter uma menina que diz três coisas, provar um vinho e comprar duas garrafas na loja, essa aproximação, embora isso seja um elemento fundamental, é preciso fazer qualquer coisa que tenha a ver com colocar as pessoas no ambiente que elas estão e elas perceberem que estão num sitio que é extraordinário, isso é uma regra que tem de ser aplicada. Muito obrigado não queria maçar mais.

Fernando Maia Pinto (Director do Museu do Douro e moderador da mesa)

É o perigo de ter um reputado economista na mesa. Em termos de sucesso nas firmas em que estive, é exemplo que a parte económica e a parte de formação económica ou de lá do Douro ou de lá dos vinhos etc. é fundamental.

Francisco Olazabal

Os economistas não estão com grande reputação hoje em dia.

Fernando Maia Pinto

Mas é exactamente, não interferes na macroeconomia e estás em termos micro com uma empresa de sucesso que é na Ferreira, onde estiveste toda a vida, quer agora no Vale Meão que é um

exemplo de sucesso, e nós só temos que aprender com as coisas, e esse problema que o Dr. Olazabal põe que é o da sustentabilidade, é o cerne do sucesso ou do insucesso enquanto director de um museu que tem uma fundação por trás, tem uma administração por trás e a administração administra. E essa vertente económica e de sustentabilidade é o calcanhar de Aquiles deste projecto, é evidente, felizmente a fundação tem esse estatuto de fundador que foi constituído e fundo esse que está dividido em três parcelas, vou dar um ligeiro panorama: 50% o Estado garante-nos e tem garantido religiosamente esses 50% da sua participação, o Estado é um suporte a 50% da fundação; 25% são garantidos pelas autarquias que constituem, não me estou a queixar, as vinte e três autarquias que garantem o fundo e outros 25% de privados. Se toda a gente se comportasse como o Estado se comportou estaríamos em condições de sustentabilidade ideal, ora os incumprimentos dos compromissos, e não me estou a queixar, e então não me posso queixar em S. João da Pesqueira que tem sido exemplar no seu cumprimento, e não estou a dar graxa também, mas tem sido exemplar na sua missão, mas o resto tem um incumprimento da ordem dos 80, 90%, essa sustentabilidade passa por uma questão muito simples que é honrar os compromissos, e honrar os compromissos da região para com um museu da região e eu passo a bola se calhar para toda a região, para toda a sociedade civil, para todos os produtores, para toda a gente a dizer: atenção, nós temos de ter este projecto sustentado para termos algum retorno. E todos os orçamentos que fazemos, fazemos na base de previsões orçamentais, quando há deslizos ficamos um bocado atrapalhados e temos de diminuir na nossa ambição, nos nossos objectivos, coisa que ainda não fizemos mas que temos feito ginásticas contabilísticas muito grandes para podermos cumprir essa sustentabilidade.

Foi muito útil a intervenção do Dr. Francisco Olazabal porque nos coloca na real. Aliás hoje de manhã o Eng. Ricardo Magalhães perguntava qual seria o modelo de gestão deste núcleo, eu acho que antecipando a resposta o modelo de gestão tem de ser o modelo fundacional, porque a autarquia por si só não consegue, porque encontrar outro conselho de administração, outro administração é complexo.

Francisco Olazabal

Teria uma gestão separada da fundação?

Fernando Maia Pinto

Não, a minha proposta é que seja uma gestão, uma co-gestão da Fundação Museu do Douro, acho que esse deve ser o modelo de gestão, não é dispersarmo-nos agora, fazermos fundações; tinha que ter a Fundação uma relação directa com as câmaras como os outros pólos todos. Isso é uma proposta que está em cima da mesa, um modelo de gestão de um pólo destes, um pólo de vinho, seria um pólo do Museu do Douro e depois com mecenas privados, mecenas concelhios ou mecenas individualizados para este pólo, isso é uma segunda parte técnica mais dia, menos dia terá de ser lançada à discussão e depois à divulgação.

Intervenções da plateia

Suponho que podemos iniciar a fase (de debate)

Professor José Ribeiro

Muito simples, eu também subscrevo a ideia de uma estrutura leve não só para o núcleo museológico, daqui ou outro qualquer, como para toda a rede e para o próprio conceito básico do

Museu do Douro, tem de ser hoje uma ideia, estruturas leves, abertas, dinâmicas e viradas para o futuro em termos de serem mais um pouco ecomuseus da vinha e do vinho e aberto não só ao vinho e à vinha, ou seja, aberto ao turista, às escolas, muito às escolas, para aprenderem as raízes, de onde vêm as coisas e a própria vinha e o vinho, e também na passada ver o que está pelo caminho.

S. Salvador do Mundo é um jardim botânico natural e era bom que lá com as casinhas, com os sobreiros, as azinheiras, o zimbro, a cornalheira, a partir daqui pouca gente sabe o que é, são realidades lindíssimas que lá estão e muito bem e estão preservadas por sorte, mas que mereceriam uma placazinha, é trabalho museológico; como a atafona do sumagre também aqui perto, o sumagre também está ligado a tradições durienses como a agricultura e como outras coisas. O sumagre é uma coisa mais em parêntesis mas que teve uma marca interessante até como alternativa da filoxera etc. Também tem a sua história, é uma planta muito duriense, e tudo isso está no caminho das quintas e das vinhas, é preciso que o museu seja aberto também a outras situações do território, que também elas patrimónios fantásticos, fabulosos e durienses. Portanto é nessa perspectiva que eu defendo e mais ainda passar pelos artesãos, artesanatos, a tanoaria, a cestaria, a latoaria, algumas infelizmente como a cestaria e a latoaria estão um bocadinho por baixo porque com a entrada da era dos plásticos ficaram um bocadinho para trás, mas a tanoaria ainda continua a ser importante e eu lastimo que um Douro com tanta força da vitivinicultura tenha tão pouca tanoaria em si própria, ela está bastante é em Gaia, também aí já teve mais, as empresas mantêm lá os seus tanoeiros; em Ovar há umas tanoarias antigas por aí.

Mas de facto são esses artesanatos e conhecer os podadores, os enxertadores, recuperar para as vivências museológicas as figuras humanas que estão na base, os pedreiros, toda essa situação também tem de ser representada e reedificada, inclusivamente com dinâmica, por isso eu defendo um grande binário entre o Douro, aqui o território e Gaia. Acho que é a altura de reforçar esse binário de ligação, que é íntima, é histórico e fundamental para os Gaienses perceberem; os Gaienses percebem, o problema é o turista, são centenas ou milhares que passam por lá, com ideia que as vinhas são por ali em Avintes. Isto era preciso ser melhor explicado lá, em Gaia, e também aqui no próprio Douro território, perceber porque Gaia é importante, clima mais favorável ao envelhecimento dos vinhos, o porto de ligação de exportação; há aqui um binário de patrimónios interligados que é preciso ressaltar e reunificar e redinamizar, em termos de parcerias. Pelo turismo, pelas autarquias e pelo próprio museu por exemplo.

Finalmente remato com a ideia fundamental da pedagogia, tem de haver uma forte ligação à juventude, aos jovens para lhes ensinar a essas novas gerações, as raízes de tudo isto, deste património, isto tem de ser concertada uma vertente a considerar. Depois há o turista que vem para se informar, mas isso pode ser feito numa estrutura nova, aberta, e sempre em ligação com as quintas, com as instituições, com as empresas onde estão imensos patrimónios também dispersos que tem de ser sensibilizados para... quer dizer, depois vamos para as quintas, mas as quintas tem de estar preparadas para receber as pessoas, importa fazer uma acção de “*sapa*” de sensibilização, é isso tudo que está em causa. Obrigado pela sua atenção.

Participante não identificado

Muito boa tarde, era quase impossível ficar calado durante a manhã e a tarde. Portanto começo por agradecer aquela palavra, ideias para um núcleo museológico do vinho em S. João da Pesqueira; tenho de agradecer em primeiro ao homem que se está a lembrar disto que é o Presidente da Câmara Municipal de S. João da Pesqueira, ele é bastante novo e talvez não saiba em que camisa-de-onze-varas se meteu, é que isto, eu como morador desta terra, ligado a ela há cinquenta e oito anos, queria que o museu de S. João da Pesqueira não fosse um antro bafiento, e que o museu de S. João da Pesqueira seja traçado dentro da lição mais bonita, perdoem-me todos, pois quem está daí é sempre criticado, e quem está daqui faz sempre as suas apreciações, mas é uma pessoa a quem nós estamos ligados, meu casal, ou casal, muito bom professor, Jorge Dias, há cinquenta e oito anos precisamente, e tenho pena que tanta massa cinzenta tenha sido esquecida por este Douro acima, aquele mestre, a lição que eu dou e que mostrou o que é de facto um museu, a não ser bafiento, a razão que eu digo Sr. Presidente, a camisa-de-onze-varas é grande, mas julgo que todos nós, eu docente durante quarenta e sete anos e dirigente, não sindical porque nunca quis, aprendi bastante e a razão que peço, um museu não pode ser inerte, tem que ser vivo, um livro de onde começa, publicar tudo, a história toda, mas um livro que tem que se escrever todos os dias, um diário a todos aqueles puderem dar o seu contributo com a sua pedra, com o seu tijolinho que lá vão pôr, estarei também às ordens deste museu enquanto estes oitenta e dois anos não me deixarem partir, agradeço-lhe e parabéns, a vós todos muito obrigado, tenho aqui muita gente a quem dar os parabéns, ao Zé Ribeiro, um amigo do Douro, ainda o artigo que ele fez sobre as bordaduras das plantas à volta das vinhas, parabéns Zé Ribeiro aquilo é de se lhe tirar o chapéu; o Douro fica aos mesmos socalcos, aos mesmos patamares, parabéns Zé Ribeiro. A todos aqueles que contribuíram para o Douro, talvez que muitos não conheçam, a obra grande ali do Professor Pinto de Aguiar, os muros que estão no Douro falam dele, hoje evidentemente estamos representados por esse mundo fora, deve-se ao trabalho meritório dele.

Ao Daniel Bastos, professor, deputado da nação, que tanto lutou pelas causas do Douro, e uma casa que se afundou sem se saber porquê, a todos estes que contribuíram, muito obrigado, muita saúde para Vós, e venham mais vezes à Pesqueira que é digna de receber esta gente para nos ensinar mais qualquer coisinha do que sabemos.

Susana Fonseca (Arquiteta paisagista e produtora)

Eu queria deixar aqui apenas um pequenino contributo porque praticamente já foi tudo dito, ontem e hoje como dizem, já pouco mais há a dizer. Face à minha actividade profissional que eu desenvolvi sempre aqui na região, eu sou muito sensível à questão da terra, que fala-se um bocadinho de forma leviana.

Temos o Museu do Douro prevê-se o núcleo aqui em S. João da Pesqueira dedicado ao vinho, eu acho que nenhum de nós se pode esquecer é que se temos vinho é porque temos videiras e se temos videiras é porque temos um conjunto extraordinário de condições edafoclimáticas que nós permite ter essas videiras e o vinho com essas características, porque se calhar as mesmas castas noutras regiões dão vinhos completamente diferentes e era isso que eu gostaria de ver, para além de muitas outras coisas, mas isso porque me sinto que ainda foi pouco falado, apenas pelo Prof. Bianchi de Aguiar, que eu gostaria de ver no museu, não esquecer, sim senhor, temos as questões etnográficas, mas gostaria de ver reflectido a questão do território, sendo que é um museu do território. Obrigada.

Fernando Maia Pinto (moderador e Director do Museu do Douro)

Posso responder, antes de existirem as vinhas existia o território e uma lição que aprendi com a UTAD quando cheguei ao Douro e fui ter com o Departamento de Botânica para obter parcerias, e explicaram-me uma coisa fantástica, uma lição que me deu uma dimensão e um tempo a esta tarefa do Museu do Douro que nunca mais vou esquecer, que há uma plantinha, o Prof. José Ribeiro sabe, uma plantinha no concelho de Freixo de Espada à Cinta, um feto pequeno que é primo de uns fetos que há na Patagónia, isto quer dizer que houve uma deriva da Pangeia que veio formar o vale do Douro e essa história fascinou-me. Uma planta que foi contaminada no hemisfério sul por outras e veio cá e há uma pequena endemia ali assim. Isto dá uma dimensão muito anterior à vinha, dá uma dimensão territorial que o Museu do Douro não pode descurar nisso e vamos candidatar já um estudo, e estão três para demonstrar o leque de preocupações que tem que ter o museu, três guias da natureza, um guia dedicado à geologia, outro dedicado à botânica aliás com o departamento da UTAD e outro guia ligado à fauna; que vamos tentar aprofundar todo esse conhecimento que vai ser posto ao dispor de todos os durienses. Não é um trabalho paralelo é um trabalho do Museu do Douro também entrar por essas vias de patrocínio, exposição, de divulgação, de fomentar todo esse. É realmente como diz as coisas a que eu sou mais sensível porque eu não sou vinicultor, tive uma videira na vida em Almendra mas depois acabou-se a minha experiência de vinicultor. Tenho esta ligação à terra muito teórica e se calhar primária e um museu do território é o território, senhora arquitecta esteja descansada, para já está num nível de preocupações do Museu do Douro toda essa matéria primária e primacial que é a Mãe Terra.

Não queria encerrar antes de animar mais um bocadinho o debate, o Prof. Gonçalves Guimarães vai fazer agora (...)

Gonçalves Guimarães (professor)

É só uma questão muito breve que se prende com o que o professor José Ribeiro disse e que não está aqui o Eng. Ricardo Magalhães, penso eu, e há aqui uma pessoa que não está mas espero que durma uma boa sesta, porque senão eu não iria falar do que vou falar. Porque vão já perceber porquê.

Uma das coisas que me despertou mais curiosidade quando foi demarcada a região do Património Cultural da Humanidade do Douro foi verificar que a linha volta e meia contornava os miradouros do Douro e deixou-os de fora. Portanto há aqui, e depois acabei por estudar a questão quando dirigi a equipa que fez o estudo sobre S. Salvador do Mundo e cheguei a conclusão porquê; isto para dizer de outra maneira, há determinados aspectos do Douro e da musealização do Douro e dos aspectos do Douro que aqui temos falado, que tem de continuar a contar com o poder central, não está nem na mão das autarquias nem do Museu do Douro, contornar problemas muito delicados nomeadamente o facto de algumas áreas privilegiadíssimas como são os miradouros sobre o Douro, não estarem, vou dizer isso da forma mais delicada possível, cuja tutela é problemática, na minha opinião só o poder central, só o Estado é que pode definir a tutela desses sítios privilegiadíssimos, porque de outro modo não é possível fazer lá seja o que for em termos de protecção da natureza, musealização dos locais etc. Acho que não posso ser mais claro do que isso porque corro o risco de criar algumas tempestades num copo de água.

José Ribeiro (professor)

Já agora uma pequena achega ou duas, uma é que também bem perto não precisámos de ir ao Douro Superior, do Douro Internacional, na Régua na Foz do Corgo há um outro, (...)Marsilea quadrifolia, chama-lhe o falso trevo de quatro folhas que é outra grande raridade botânica e está logo ali, está na foz do Corgo e vai até aos pilares da ponte, está mais ou menos protegido, é difícil de ver é mais para especialistas, mas qualquer maneira está lá e é preciso preservar a espécie. Quanto a miradouros, este está óptimo é um autêntico jardim botânico natural e tem condições para preservar pela situação envolvente e natural e geológica, já Galafura que é muito torguiana tem demasiadas espécies que são duvidosas, era preciso ali fazer alguma coisa para repor um pouco mais das autóctones, não nas encostas tem medronheiros óptimos, mas no pátio tem lá um zimbro quase a morrer, mas isso é uma questão da junta de freguesia de Galafura e do município de Peso da Régua também fazer alguma coisa, não pode ser só os intelectuais a pensar nas coisas e também à espera de grandes fados ou instituições, as vezes são pequenas acções locais ou próximas que podem ajudar a resolver a manutenção destes patrimónios, mas também é preciso divulgar e por isso nós estamos aqui. Agora estou a fazer um artigo sobre o sumagre, estou a trabalhar nele, como fiz sobre as oliveiras, como estou pronto para qualquer coisa eu e a equipa de botânica da UTAD está disposta ao que for preciso, para alertar, para lembrar, para ajudarmos por todos, é tarefa de todos defender o fabuloso património que temos.

Jorge Dias (IVDP)

Eu confesso que não tive a felicidade de ler o artigo do professor José Ribeiro sobre as oliveiras em bordadura, mas finalmente estão defendidas da voragem do IFAP ex IFADAP, porque nesta última portaria que saiu, salvo erro há dez ou quinze dias, de facto conseguiram-se prever medidas específicas para a região Demarcada do Douro quer em termos de ajudas, mas sobretudo em defesa das oliveiras em bordadura porque a regra do controlador que era o IFADAP retirava a projecção da copa das oliveiras da área da vinha, e como aqui no Douro ninguém quer perder um pé de vinha para ter uma oliveira, começaram alguns dos vinicultores a cortar essas bordaduras, portanto com esta portaria veio-se, dificultou-se a interpretação que havia antigamente, é que mesmo as videiras que estão debaixo da copa das oliveiras de bordadura conta como área de vinha, como não se pode fazer agricultura em dois níveis, naturalmente que essas oliveiras não podem ter ajudas, mas pelo menos a vinha conta quer para efeitos de instalação, investimento, quer na gestão quotidiana da denominação de origem.

Fernando Maia Pinto (Director do Museu do Douro)

Damos por encerrada esta sessão, não podemos tirar nenhuma conclusão para já desta riquíssima sessão da manhã e de tarde mas vamos trabalhar sobre elas, vamos pedir aos autores das comunicações que nos enviem um resumo das suas comunicações e que nos vão concerteza ajudar a criar em S. João da Pesqueira um museu do vinho com prestígio que o vinho do Douro tem, e portanto agradecer a presença de toda a gente, contributo dos oradores. Muito obrigado.